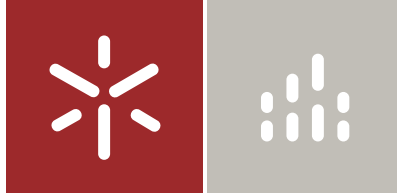


Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Vera Cristina Teixeira Assunção

A Residência Senhorial no Vale do Ave:
Estudo da Casa de Diniz



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Vera Cristina Teixeira Assunção

A Residência Senhorial no Vale do Ave:
Estudo da Casa de Diniz

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura
Ramo de Conhecimento Cultura Arquitetónica

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor João Paulo Cabeleira Marques Coelho

DECLARAÇÃO

Nome:

Vera Cristina Teixeira Assunção

Endereço eletrónico: veraassuncao94@gmail.com

Telefone: 919142835

Número do Bilhete de Identidade: 144345631

Título da dissertação do mestrado:

A Residência Senhorial no Vale do Ave:

Estudo da Casa de Diniz

Orientador: Professor Doutor João Cabeleira

Ano de conclusão: 2017

Designação do Mestrado ou do Ramo de Conhecimentos: Cultura Arquitetónica

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, __/__/____

Assinatura: Vera Assunção

Agradecimentos

Agradeço,

aos meus pais pelo apoio e investimento na minha formação.

ao meu orientador, o Arq. João Paulo Marques Cabeleira, pelo seu apoio e exigência com que me acompanhou durante todo este percurso.

aos proprietários e a todas as pessoas, que cedendo o seu tempo, tornaram possível as visitas constantes à Casa de Diniz, e ainda a recolha de informação essencial para a concretização desta dissertação.

ao Fábio por todo o apoio e a ajuda imprescindível no levantamento arquitectónico.

aos meus amigos Hugo Mendonça, João Carvalho por todo o apoio e pela participação direta ou indireta neste trabalho.

Resumo

A presente dissertação tem por base uma reflexão em torno da Casa de Diniz e das suas características arquitetónicas. Levou-se a cabo uma análise detalhada da sua evolução histórica e morfológica, visto tratar-se de um imóvel habitacional, classificado como de Interesse Público e pertencente a uma das famílias mais antigas e emblemáticas da cidade de Santo Tirso, a Família dos Correia Miranda. A manutenção da Casa de Diniz na família permitiu-nos aceder a um espólio resultante da sedimentação material (desde o século XVII até à atualidade) que preserva o valor residencial do imóvel associada à quinta de vocação agrícola que a rodeia.

A ausência de informação e estudos prévios exigiu a realização de um exaustivo levantamento arquitetónico e fotográfico, a par da recolha de informação fornecida pelos atuais proprietários da casa e da análise histórico-artística do conjunto que integra questões de ordem tipológica, morfológica e construtiva. As conclusões retiradas a partir da informação histórica e gráfica aqui sistematizada possibilitou identificar sobre uma linha temporal as diferentes fases construtivas. As hipóteses avançadas encontram-se devidamente alicerçadas numa comparação tipológica e morfológica entre a Casa de Diniz e exemplos coevos. Uma metodologia que propicia a reconstituição tipo-morfológica da casa em cada uma das épocas mais significativas ao nível da sedimentação e consolidação do conjunto existente.

Em síntese, construiu-se um dossiê de reconhecimento e análise da Casa de Diniz que visa por um lado documentar e fundamentar a sua validade patrimonial ao mesmo tempo que permite integrar o caso no vasto leque de estudos sobre solares portugueses.

Abstract

The present dissertation is based on a reflection on the Casa de Diniz and its architectural features. A detailed analysis of its historical and architectural evolution was carried out, since it is a housing property, classified as of Public Interest and belonging to one of the oldest and most emblematic families of the city of Santo Tirso, the Correia Miranda Family. The continuity of the Casa de Diniz in the family allowed us to access a collection resulting from the material sedimentation (from the 17th century to the present) that preserves the residential value of the property surrounded by the agricultural farm.

The absence of information and previous studies required the completion of an exhaustive architectural and photographic survey, as well as the collection of all the information provided by the current owners of the house and the historical-artistic analysis of the set, which integrates issues of a typological, morphological and constructive nature. The conclusions drawn from the historical and graphic information systematized here allowed to identify on a timeline the different constructive phases. This identification is further reinforced by a typological and morphological comparison between the Casa de Diniz and coeval examples. A methodology that favors the morphological-type reconstitution of the house in each of the most significant times in terms of sedimentation and consolidation of the existing set.

In summary, a dossier for the recognition and analysis of Casa de Diniz was designed to document and justify its patrimonial validity while allowing the integration of the case in the wide range of studies on Portuguese manor houses.

Sumário

Introdução	04
I. Casa de Diniz	07
. Contexto Urbano	09
. Implantação	15
. Proprietários	17
. Caracterização	24
II. Levantamento do existente na Casa de Diniz	27
. Método do Levantamento	29
. Levantamento geométrico	31
. Levantamento fotográfico	37
. Fotomontagens	39
III. Interpretação evolutiva da Casa de Diniz	41
. Método de Análise	43
. Fase I	45
Contexto	47
Análise	49
Comparação	53
. Fase II	59
Contexto	61
Análise	63
Comparação	65
. Fase III	69
Contexto	71
Análise	73
Comparação	77
. Fase IV	81
Contexto	83
Análise	85
Comparação	87
. Estudos métricos	99
Conclusão	104
Bibliografia	110

Índice de Figuras

<i>Figura 1: Frente do conjunto para o arruamento</i> <i>Fotografia do autor</i>	p.7
<i>Figura 2: Antigo Mosteiro de S.Bento</i> <i>Retirada de http://www.cm-stirso.pt</i>	p.10
<i>Figura 3: Enquadramento urbano da Casa de Diniz</i> <i>Retirada de https://www.google.pt/maps</i>	p.12
<i>Figura 4: Esquema exemplificativo da “Rua”</i> <i>Retirada da Memória Descritiva do Ante-Projeto de Urbanização de Santo Tirso.</i>	p.14
<i>Figura 5: Planta de Implantação do conjunto edificado e limites da propriedade</i> <i>Retirada de https://www.google.pt/maps</i>	p.16
<i>Figura 6: Linha cronológica dos proprietários da Quinta de Diniz sobreposta à linha cronológica das fases construtivas</i> <i>Fotografia do autor</i>	p.18
<i>Figura 7: Brasão dos Correia</i> <i>Retirada de “Revelações da Casa de Deniz. In O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural”</i>	p.20
<i>Figura 8: Brasão dos Miranda</i> <i>Retirada de “Revelações da Casa de Deniz. In O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural”</i>	p.20
<i>Figura 9: Brasão dos Correia Miranda</i> <i>Retirada de “Revelações da Casa de Deniz. In O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural”</i>	p.20
<i>Figura 10: Brasão casa de Barrimau</i> <i>Retirada de “Revelações da Casa de Deniz. In O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural”</i>	p.20

<i>Figura 11:</i> Distância da Casa de Barrimau e da Casa de Diniz ao centro de Santo Tirso <i>Retirada de https://www.google.pt/maps</i>	p.22
<i>Figura 12:</i> Planta Piso 0 <i>Fotografia do autor</i>	p.25
<i>Figura 13:</i> Planta Piso 1 <i>Fotografia do autor</i>	p.26
<i>Figura 14:</i> Vista do pátio - Alçado Norte <i>Fotografia do autor</i>	p.27
<i>Figura 15:</i> Processo do trabalho <i>Fotografia do autor</i>	p.30
<i>Figura 16:</i> Alçados e Planta Piso 0 <i>Fotografia do autor</i>	p.32
<i>Figura 17:</i> Alçados e Planta Piso 1 <i>Fotografia do autor</i>	p.34
<i>Figura 18:</i> Cortes e Planta de Coberturas <i>Fotografia do autor</i>	p.36
<i>Figura 19:</i> Reconhecimento fotográfico dos espaços <i>Fotografia do autor</i>	p.38
<i>Figura 20:</i> Fotomontagem I Corte AA´ <i>Fotografia do autor</i>	p.40
<i>Figura 21:</i> Fotomontagem I Corte BB´ <i>Fotografia do autor</i>	p.40
<i>Figura 22:</i> Alçado principal do edifício primitivo <i>Fotografia do autor</i>	p.41

<i>Figura 23: Uma das salas do edifício primitivo</i> <i>Fotografia do autor</i>	p.48
<i>Figura 24: Axonometria da análise da Fase I</i> <i>Fotografia do autor</i>	p.50
<i>Figura 25: Interior da capela</i> <i>Fotografia do autor</i>	p.52
<i>Figura 26: Casa de Alvelo, Marco de Canaveses</i> <i>Retirada de http://vilaboadobisposempre.blogspot.pt</i>	p.54
<i>Figura 27: Casa de Rodas, Monção</i> <i>Retirada de http://www.solaresdeportugal.pt/</i>	p.54
<i>Figura 28: Casa de Penalva, Ancede</i> <i>Retirada de http://www.patrimoniocultural.gov.pt/</i>	p.56
<i>Figura 29: Quinta de Guimarães, Santa Maria do Zêzere</i> <i>Retirada de http://www.solaresdeportugal.pt/</i>	p.56
<i>Figura 30: Axonometria da análise da Fase I</i> <i>Fotografia do autor</i>	p.58
<i>Figura 31: Fotografia retirada do álbum da Família dos Correia Miranda</i> <i>Retirada do álbum da Família proprietária</i>	p.60
<i>Figura 32: Axonometria da análise da Fase II</i> <i>Fotografia do autor</i>	p.64
<i>Figura 33: Casa de António José de Bastos de Azevedo, em Fafe</i> <i>Retirada de http://www.patrimonioculturalpt/</i>	p.66
<i>Figura 34: Casa de Miquelina Alves de Sousa, Fafe</i> <i>Retirada de http://www.patrimonioculturalpt/</i>	p.66

<i>Figura 35: Casa do Comendador Albino de Oliveira Guimarães</i> <i>Retirada de http://www.patrimoniocultural.pt/</i>	p.68
<i>Figura 36: Casa de Manhufe, Amarante</i> <i>Retirada de http://portoalities.com/</i>	p.68
<i>Figura 37: Fotografia retirada do álbum da Família dos Miranda</i> <i>Retirada do álbum da Família proprietária</i>	p.72
<i>Figura 38: Axonometria da análise da Fase III</i> <i>Fotografia do autor</i>	p.74
<i>Figura 39: Hipótese da configuração das torres</i> <i>Fotografia do autor</i>	p.76
<i>Figura 40: Torre de Dornelas, Amares</i> <i>Retirada de http://www.monumentos.pt/</i>	p.78
<i>Figura 41: Torre de Refóios, Ponte de Lima</i> <i>Retirada de http://www.monumentos.ptt/</i>	p.78
<i>Figura 42: Torre da Quinta de Ribafria, Sintra</i> <i>Retirada de http://www.cm.sintra.pt/</i>	p.78
<i>Figura 43: Capela dos Pestanas, Porto</i> <i>Retirada de http://portarc.blogspot.pt/</i>	p.80
<i>Figura 44: Quinta da Regaleira, Sintra</i> <i>Retirada de http://www.trekearth.com/</i>	p.80
<i>Figura 45: Fotografia retirada do portão da entrada para o pátio</i> <i>Fotografia do autor</i>	p.84
<i>Figura 46: Axonometria da análise da Fase IV</i> <i>Fotografia do autor</i>	p.86

<i>Figura 47: Casa de Vale das Flores, Braga</i> <i>Retirada de http://conhecerportugal.com/</i>	p.88
<i>Figura 48: Casa dos Pascoais, Guimarães</i> <i>Retirada de http://conhecerportugal.com/</i>	p.90
<i>Figura 49: Casa do Ribeiro, Guimarães</i> <i>Retirada de http://www.solaresdeportugal.pt</i>	p.90
<i>Figura 50: Casa de Calhariz, Serra da Arrábida</i> <i>Retirada de http://www.solaresdeportugal.pt/</i>	p.90
<i>Figura 51: Análise métrica e modular</i> <i>Fotografia do autor</i>	p.100

“A Casa é um documento autentico da vida do homem – documento de pedra e cal, mas de extraordinária importância para estudarmos os costumes, a evolução do gosto da Vida Social. Nesse sentido, o estudo da arquitetura doméstica tem um alcance que transcende o da genealogia. Na casa está resumido todo um estilo de vida, por isso ela é um elemento importantíssimo para o estudo duma sociedade, em qualquer época que se considere.”

AZEVEDO, Carlos – *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*, 1988, p.13

**A Residência Senhorial do Vale do Ave
Estudo da Casa de Diniz**

Introdução

A presente dissertação tem como objetivo uma reflexão histórica e formal sobre a Casa de Diniz, em Santo Tirso, Porto. A motivação para este caso de estudo esteve, numa primeira abordagem, diretamente ligada à vontade de entender este edifício no seu contexto urbano e social, de conhecer a sua narrativa e evolução construtiva que aparenta ser um testemunho material de sobreposições formais e espaciais sedimentadas ao longo do tempo. A Casa de Diniz traduz-se, portanto, num lugar peculiar de nobreza rural, símbolo de prestígio, de grandeza e poder local que despoletou a vontade de conhecer a génese desta casa nobre rural.

Desta forma, é importante compreender as várias fases construtivas e consecutivamente as distintas funções inerentes às diferentes tipologias construídas desde o período da fundação da habitação, numa sucessão de acontecimentos relativos à administração e funções do solar até ao conjunto atual.

Assim, para a execução deste estudo foi necessário a recolha de informações, desde registos escritos, gráficos e visuais a relatos verbais do proprietário da Casa. Apesar da existência de um arquivo particular na Casa de Diniz, manifestou-se ausente de informação relevante sobre as construções e agregações do objeto de estudo e, portanto, os recursos utilizados dividem-se entre documentos escritos e visuais.

Os documentos escritos referem-se a fontes manuscritas, monografias e a estudos sobre a residência nobre portuguesa e em particular a casa em estudo. (1) Como fonte de informação gráfica recorre-se às plantas do Plano Diretor Municipal de 1994 e 2008 (2) e o plano geral de melhoramento da Vila por Marques da Silva, em 1949 (3), elucidativos da constituição morfológica e o enquadramento territorial, preponderantes para a concepção do levantamento métrico. Os registos métricos e fotográficos são, por isso, elementos representativos do estado atual da casa e evidenciam a sua evolução histórica e artística.

1. 1.1. DINIS, Manuel Vieira - *Revelações da Casa de Deniz*. In *O Concelho de Santo Tirso* - Boletim Cultural. Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso, Vol.6, p.247-258.

1.2. AZEVEDO, Carlos – *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. 2ª Edição. Mem Martins: Livros Horizonte, 1988

1.3. PIMENTEL, Alberto - *Santo Thyrsos de Riba d'Ave*. Santo Tirso: Club Thyrsense, 1970.

2. PDM- Plano Diretor Municipal de Santo Tirso – 1ª Revisão, Santo Tirso, 2008

3. Marques da Silva (1869-1947): Arquiteto português diplomado pelo governo francês em 1886 e regressado a Portugal em 1895.

No último capítulo “Interpretação evolutiva da Casa de Diniz” procura-se sistematizar os dados recolhidos e inventariados de modo a fundamentar a cronologia estabelecida para o edifício sob análise.

Perante a escassez de documentação sobre as distintas fases construtivas da casa, partir-se-á de uma análise essencialmente fundada sob os dados materiais (técnicas construtivas, cores, estereotomias, texturas e anomalias) e acervo fotográfico organizado. Aliada aos registos fotográficos, a leitura do levantamento métrico permitirá dissecar informação como forma de auxiliar o registo de cada fase construtiva. Para fundamentar a narrativa histórica e construtiva tornar-se-á necessário recorrer à conjectura histórico-artística de Portugal e a casos análogos à Casa de Diniz.

Por fim, a partir de um registo gráfico, analítico, interpretativo e especulativo, pretende-se compreender cada uma das fases do seu processo criativo e dar origem a uma nova e útil ferramenta para a interpretação da Casa de Diniz.



I. Casa de Diniz

Casa de Diniz

Contexto Urbano

O enquadramento urbano e geográfico da Quinta de Diniz é oportuno para o entendimento da ocupação e localização do objecto em estudo na cidade onde está inserido. Da cidade de Santo Tirso, situada no distrito e área metropolitana do Porto sabe-se que teve na sua origem a fundação de um mosteiro beneditino, o Mosteiro de S.Bento, no ano de 978, num vale de terrenos férteis assentado na margem esquerda do rio Ave.

Em 1097 o Mosteiro é doado a Soeiro Mendes da Maia pelo conde D. Henrique e no ano seguinte novamente oferecido ao D. Abade do Mosteiro, ficando este classificado como um dos mosteiros mais poderosos do país. Essa referida consideração fez com que este recebesse Bulas de proteção dos Papas Honório III e Inocêncio III.¹

No século XV foi construída a igreja monástica em jeito de mérito a Martim Gil, o conde de Barcelos. Presentemente podem ser observados apenas alguns indícios arqueológicos. A igreja matriz que, atualmente se pode ver, foi edificada no ano de 1659 sob um projeto do Frei João Turriano, filho de um arquiteto milanês de nome Leonardo Turriano. Esta igreja apresenta-se apenas com uma nave e a sua fachada é constituída por três nichos onde se encontram depositadas as esculturas em pedra de Santo Tirso (padroeiro da igreja), de S. Bento e de Santa Escolástica. No seu tímpano encontra-se gravado o ano de 1679 que, supostamente, será o ano em que a construção da igreja terá sido terminada. A sua composição arquitetónica é formada por uma distinta galilé com três arcadas e duas torres, nas suas paredes laterais e interiores podem ser visualizadas algumas capelas profundas que em conjunto com a capela principal oferecem uma configuração em cruz e podem também ser observadas elegantes cadeiras do século XVII ao estilo rococó e um excelente conjunto de pinturas que fazem alusão à vida de São Bento.²

1. Retirado de <http://www.historiadeportugal.info>, consultado a 2 de Outubro de 2017

2. Retirado de <http://www.cm-stirso.pt>, consultado a 30 de Setembro de 2017



Figura 2: Antigo Mosteiro de S.Bento

Ao mosteiro pertenceram as terras do couto até ao século XIX, quando se deu a expropriação dos bens das ordens religiosas em 1834. Após a retirada dos monges de S. Bento, toma posse a Comissão Municipal interina do futuro concelho.

Assim, quando o primeiro poder civil toma posse, a povoação de Santo Tirso contava com cerca de 1000 habitantes e cerca de 98 casas. No dizer de Alberto Pimentel, estas casas eram na sua maioria habitadas por *“criadagem que serviria o mosteiro”*.³

O aglomerado, gerado em redor do mosteiro elevou-se a Vila por Carta Régia a 14 de Dezembro 1863, sendo pouco mais do que o Mosteiro de São Bento e um conjunto de edifícios que se localizavam na sua envolvente.

O desenvolvimento da Vila é marcado com a construção da ponte sobre o Rio Ave, de ligação a Famalicão, construída em 1882, aproveitando os pegões existentes, parte de um projeto iniciado quatro décadas antes por altura das invasões francesas. Deste modo, fica garantida a ligação do Porto a Guimarães/Vila Pouca de Aguiar e à margem direita do Rio Ave onde se localizava a estação de Caminho de Ferro da Linha de Guimarães, concessionada por Decreto do Governo de 1879 e inaugurada em 1883, conferindo à Vila uma maior expansão para a margem direita do rio.⁴ Mais tarde, assiste-se à alteração do traçado da estrada Porto Guimarães, fazendo-a passar pelo centro da Vila, um grande rasgo de visão urbana, que veio marcar o aglomerado até aos dias de hoje.

3. PIMENTEL, Alberto – Santo Thyrsos de Riba d’Ave, 1970, Pg.13

4. “(...) Começa por oferecer mais dois nacos de terreno para um alargamento maior do espaço de lazer e sua delimitação, com duas avenidas e com uma estrada junto ao paredão de suporte, com a condição de que a rua e paredão do parque ficassem prontos dentro de seis meses”

Nota 55 de FCC em Santo Thyrsos de Riba d’Ave

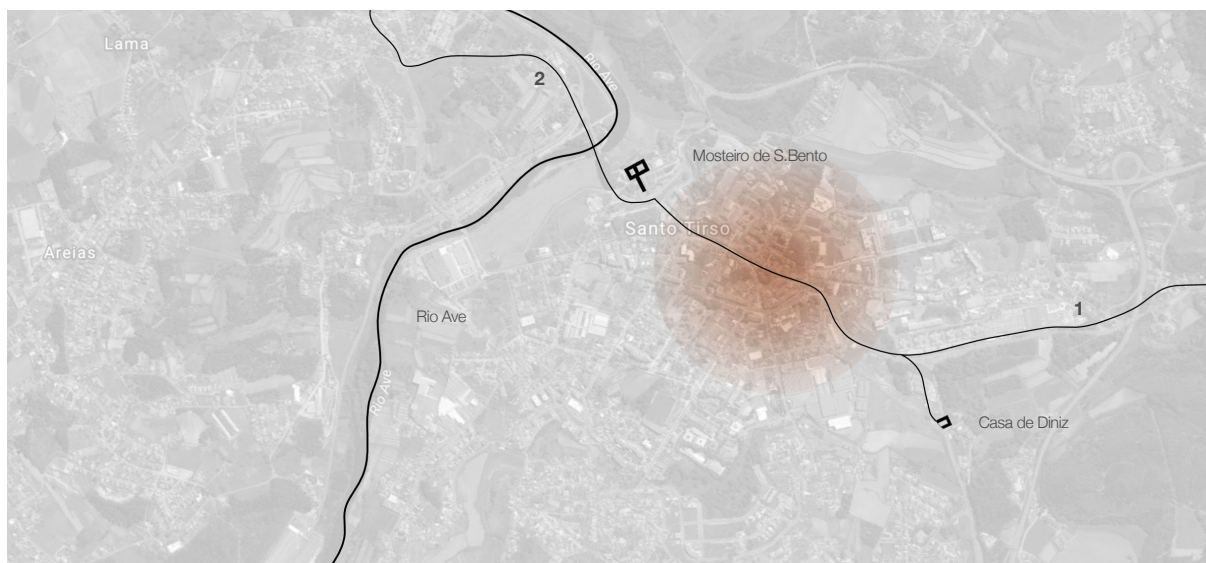


Figura 3: Enquadramento urbano da Casa de Diniz

- 1. Estrada de ligação Santo Tirso - Porto
- 2. Estrada de ligação Santo Tirso - Famalicão

A Rua - *Figura 4* -, assim lhe chamavam e ainda hoje a nomeiam os tirsenses, começa no Mosteiro, desenvolve-se para Sul passando pelo, então designado, Campo 29 de Março⁵, hoje Praça Conde São Bento, continuado pelo Rua Cyrillo Machado, hoje Rua Pires de Lima, até à estrada nacional que faz ligação ao Porto. As casas que a ladeavam eram quase todas do século dezanove, à exceção de umas poucas que remontavam ao século XVIII. Da Rua, abria-se a Rua de São Bento e a *“linda Rua de Villalva, extensa avenida de construção recente, que faz honra a Santo Tyrso”*.⁶ É na Rua que se concentra o comércio local: três farmácias, uma confeitaria, lojas para venda de artigos e ainda algum equipamento e serviços. Nela localizam-se dois hotéis, duas tipografias e um quartel de bombeiros voluntários.⁷

A Rua percorrida no sentido Norte-Sul, culmina na Quinta de Diniz, propósito de análise e pesquisa.

5. Deliberada a execução em sessão de Camara de 1860

6. PIMENTEL, Alberto – Santo Thyrsos de Riba d’Ave, 1970, Pg.64

7. “ A Villa tem três pharmacias, uma d’ellas, a pharmacia Faria, ampla e muito bem provida de medicamentos tanto nacionais como estrangeiros; tem dois hotéis, o do Carogo e o do Ave; uma confeitaria, sob a designação de Central; uma estação de bombeiros voluntários; um depósito da Companhia dos Tabacos; uma tabacaria pertencente á família Trepá; dois ou trez botequins; duas thypografias; um bazar de móveis antigos; lojas de mercador, fanqueiro, etc.” PIMENTEL, Alberto – Santo Thyrsos de Riba d’Ave, 1970, Pg.75

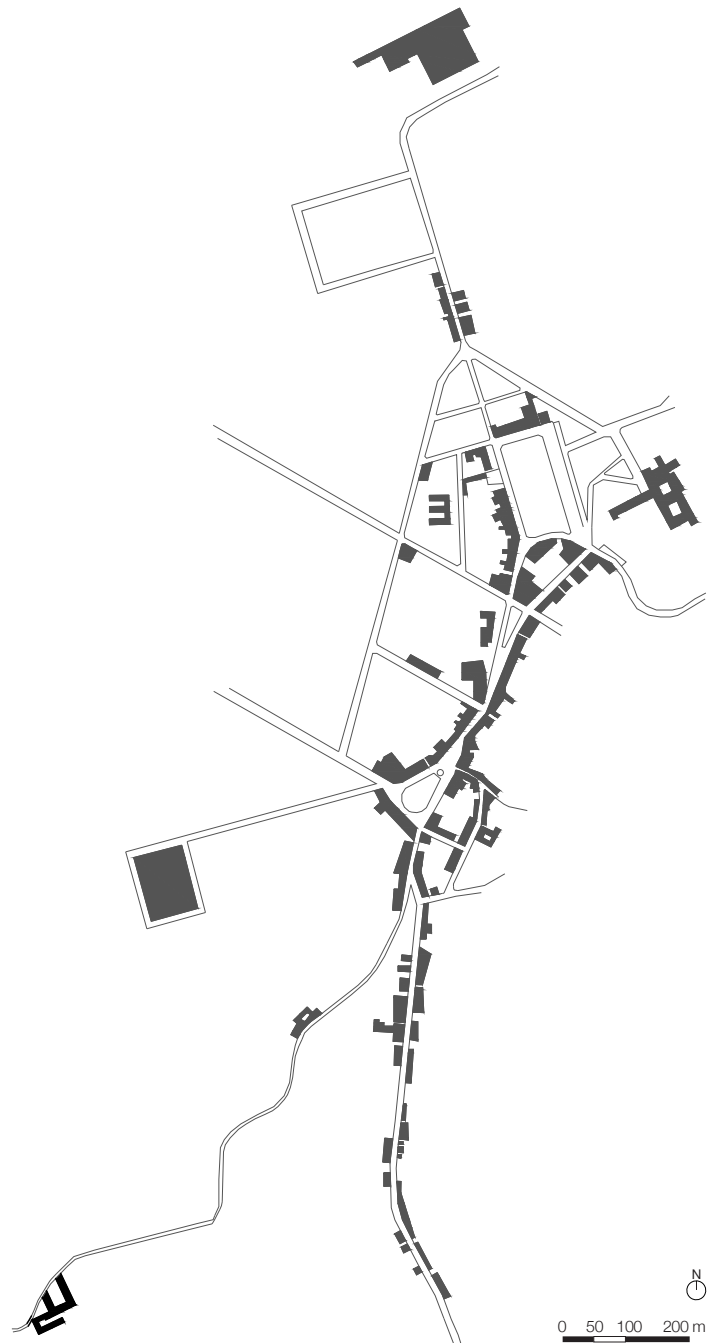


Figura 4: Esquema exemplificativo da “Rua”

Casa de Diniz

Implantação

Erguida a Sul da cidade de Santo Tirso, a Quinta de Diniz apresenta-se com “um bloco contínuo de terras com a área global de 14,6300 hectares”.⁸ Ao longo dos anos a propriedade conteve uma multiplicidade de usos. Outrora, a sua parcela agrícola esteve dedicada à exploração de pomares de tipo industrial de “várias espécies (macieiras, pereiras, pessegueiros e marmeleiros)”⁹ que ocupava uma área de 5,3 hectares, de vinha que preenchia a área de 2,7 hectares, de olival na área de 0,8 hectares, sendo a área restante, junto ao ribeiro de Sanguinhedo, dedicada à criação de bovinos.¹⁰

O sector florestal era composto por três parcelas, uma delas que podia considerar-se de recreio com espécies exóticas diversas de grande porte e as duas restantes de mato e pinhal. A restante área era destinada à área habitacional.

Atualmente, a Quinta encontra-se circunscrita por um muro contínuo que circunscreve o seu perímetro. Disposta numa planta em “U”, a área residencial abre-se para a rua Major Dinis através de um monumental portal de entrada. Fronteiro à entrada acha-se o edifício mais antigo encimado por pedra de armas. No alçado tardo do deste corpo habitacional encontram-se as cavaliças e alguns anexos talhados para arrumos. (7)

É possível observar uma área de árvores centenárias de grande porte (10), uma área vasta para o pasto de cavalos (9) e outra para cultivo de árvores de fruta (8) e vinha para consumo próprio.

Assim sendo, apesar de já não ter o propósito agrícola e residencial de outrora, a extensão agrícola da propriedade ainda ocupa bastante área em relação ao conjunto edificado. Embora não tenha o carácter de habitação permanente, a Casa de Diniz é utilizada para cerimónias e encontros familiares semanais.

8. SANTOS, João em <<http://www.monumentos.gov.pt>>, acesso a 23 de Julho de 2017

9. Idem

10. Idem

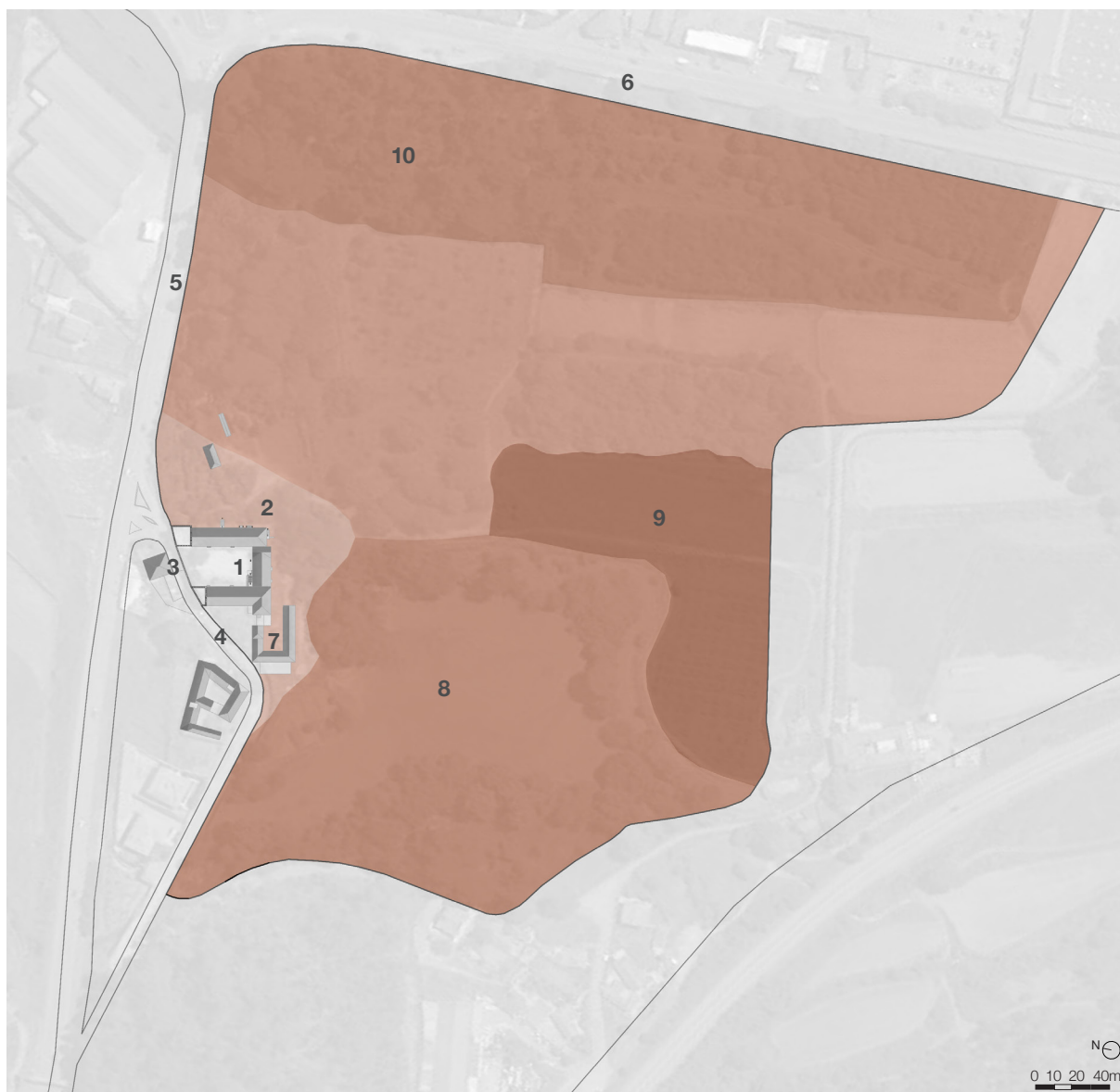


Figura 5: Planta de Implantação do conjunto edificado e limites da propriedade

1. Área residencial da Quinta de Diniz
2. Área agrícola da Quinta de Diniz
3. Entrada na Quinta de Diniz
4. Rua Major Diniz
5. Rua Giesteira
6. Rua das Rãs
7. Arrumos
8. Área de árvores de fruta
9. Área de pasto
10. Conjunto de árvores centenárias

Casa de Diniz

Proprietários

Classificado na categoria: IIP - Imóvel de Interesse Público¹¹ desde 1986, o legado patrimonial da Casa de Diniz foi conservado por se manter sempre na mesma família. Da documentação existente, deduz-se que o grande pioneiro foi António Correia Miranda em finais do século XVII.¹² A este, sucede-lhe o neto, Joaquim Bento Correia de Miranda, Major de Ordenças de Santo Tirso e do concelho de Riba d'Ave e Refojos entre 1803-1845. Durante o mesmo período, a Casa de Dinis apresentava-se como quartel de Milícias e Joaquim Bento C. Miranda era o sargento-mor. *“Quando do levantamento liberal do Porto contra as tropas de D.Miguel, as tropas liberais derrotadas e em fuga, refugiaram-se nesta casa. Em consequência o proprietário da casa veio a ser preso”*.¹³ Não obstante, a vida deste homem fica também marcada pela sua audácia que, em grande parte da sua vida contribuiu para um maior desenvolvimento artístico e cultural na Vila Santo Tirso.¹⁴ Do matrimónio com D.Ana Maria Gomes nascem cinco filhos e é D.Maria Correia de Miranda que *“ficou em de Niz e casou com Joaquim José Cardoso”*.¹⁵ Anos mais tarde, é o seu filho *“Tomás Joaquim Cardoso de Miranda que sucedeu no senhorio da casa de Diniz e casou com D.Maria Emília Carneiro da Silva.”*¹⁶ Sucedendo-lhe o seu filho Boaventura Cardoso de Miranda, casado com D.Maria Emília Carneiro da Silva, enceta a construção das alas em meados do século XIX. Com base na genealogia da família, entende-se que é o seu sobrinho, Dr.António Júlia Carneiro Leão Cardoso de Miranda, o seu sucessor. Não havendo registo do período exato em que se tornou proprietário, através de impressos e documentos de época¹⁷ sabe-se que em 1769 era senhor dos terrenos de Diniz. Do enlace com D.Maria Clementina Pereira de Castro de Abreu de Sampaio, descendente dos senhores da casa de Barrimau, S.Miguel da Lama – Santo Tirso, parte do vasto espólio da Quinta de Barrimau é transferido para Diniz, nomeadamente, fontes e alguns ornamentos e pinturas de época.

11. Decreto n.º 1/86, DR, 1.ª série, n.º 2 de 03 janeiro 1986

12. DINIS, Manuel Vieira - *Revelações da Casa de Diniz*. - Boletim Cultural, p.250

13. COSTA, Adalberto - *A comarca de Santo Tirso*, p.139

14. *“... Foi alguém de excepcional destaque e com que júbilo teria assistido à criação do actual concelho. Bem merece me demore nele com um apanhado de nótuas identificadoras da sua personalidade militar, político e artista.”* DINIS, Manuel Vieira - *Revelações da Casa de Diniz*. In *O Concelho de Santo Tirso* - Boletim Cultural, p.278

15. DINIS, Manuel Vieira - *Revelações da Casa de Diniz*. In *O Concelho de Santo Tirso* - Boletim Cultural, p.254

16. Idem

17. SANTOS, João em <<http://www.monumentos.gov.pt>>, acesso a 18 Março de 2017

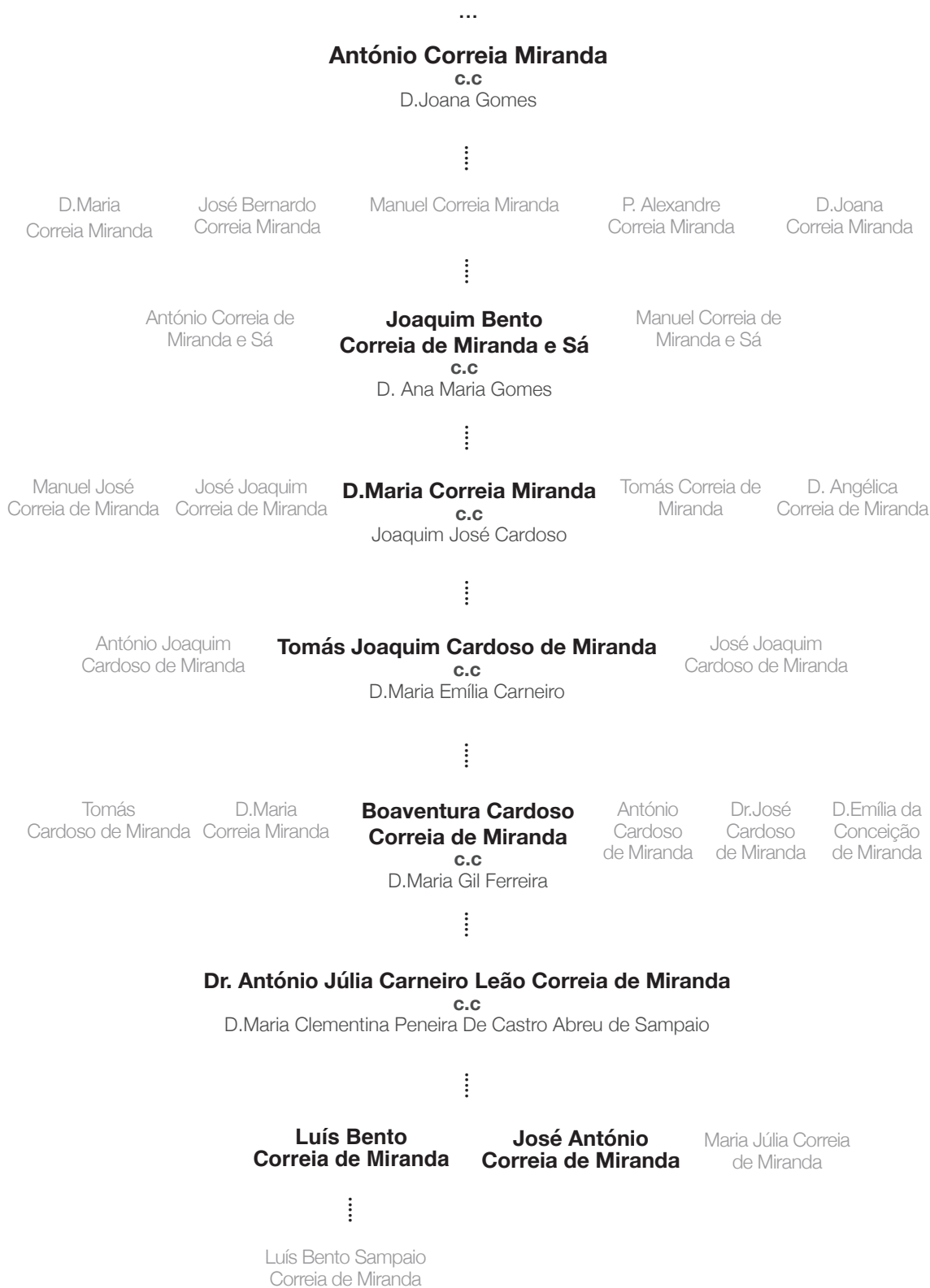


Figura 6: Linha cronológica dos proprietários da Quinta de Diniz sobreposta à linha cronológica das fases construtivas

Esta atitude, pode justificar-se pela maior proximidade da Quinta de Diniz ao centro de Santo Tirso com se pode comprovar na *Figura 11*.

Atualmente, a Casa de Diniz está ao cuidado de Luís Bento Miranda e José António Miranda,¹⁸ filhos de Dr. António Miranda e D. Maria Sampaio. Embora não seja habitação permanente é utilizada para festas e encontros semanais da família mantendo, desta forma, o legado íntegro e inalterado dos seus antecessores.

18. DINIS, Manuel Vieira - *Revelações da Casa de Deniz. In O Concelho de Santo Tirso* - Boletim Cultural, p.257

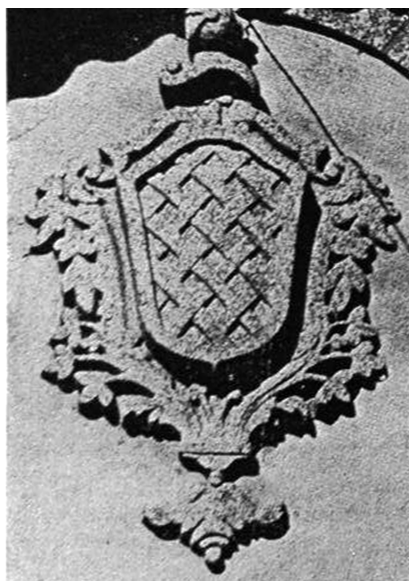


Figura 7: Brasão dos Correia

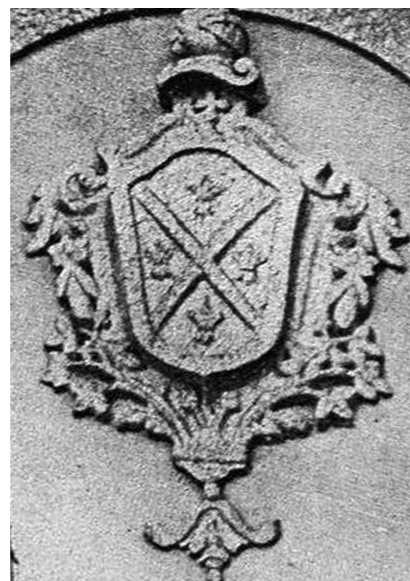


Figura 8: Brasão dos Miranda

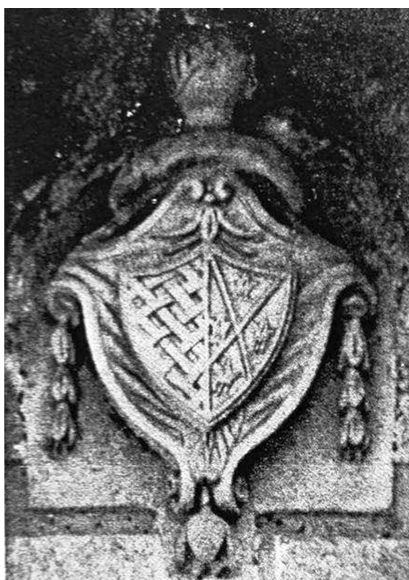


Figura 9: Brasão dos Correia Miranda

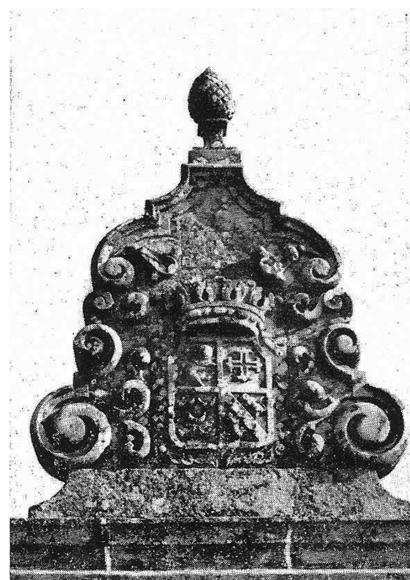


Figura 10: Brasão casa de Barrimau



Figura 11: Distância da Casa de Barrimau e da Casa de Diniz ao centro de Santo Tirso



Casa de Diniz

Caracterização

*“A Casa é um documento autentico da vida do homem – documento de pedra e cal, mas de extraordinária importância para estudarmos os costumes, a evolução do gosto da Vida Social. Nesse sentido, o estudo da arquitetura doméstica tem um alcance que transcende o da genealogia. Na casa está resumido todo um estilo de vida, por isso ela é um elemento importantíssimo para o estudo duma sociedade, em qualquer época que se considere.”*¹⁵

A Casa de Diniz enquanto objecto de investigação apresenta uma planta simples com desenvolvimento em “U”. O acesso à casa faz-se através de um portal em forma de arco quebrado, integrado num muro ameado, bastante alto, que une as duas torres de três pisos, igualmente ameadas, localizadas nos topos do “U”. A linguagem arquitectónica e a imagem desta fachada assemelha-se à de uma casa de forte pendor revivalista do tipo negótico, modificando-se completamente quando se entra no pátio e se depara com os restantes volumes, de dois pisos na restante construção. O corpo central, mais antigo, tem incorporado num dos extremos uma pequena capela dedicada à Nossa Senhora do Loreto e no outro a porta principal de acesso à casa, destacando-se o brasão dos Correia de Miranda. As restantes fachadas das alas laterais, de composição simples, contêm janelas e portas com molduras em cantaria e as torres, apresentam um conjunto variado de vãos, alguns de dois lumes, rematados com diversas formas.

O pavimento térreo é reservado à cozinha, adega e arrumos servindo de suporte à quinta. O acesso ao primeiro piso, composto por áreas sociais e privadas é feito por um único lanço de escadas, sendo o espaço de entrada um corredor que comunica diretamente com uma das alas que integra o salão nobre, a copa, as instalações sanitárias, a sala de leitura e um quarto. Este piso é ainda constituído por um outro corredor que liga a

15. AZEVEDO, Carlos – *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*, 1988, p.13

Casa de Diniz

Caracterização

cozinha, a sala de refeições, os quartos, a sala de armas, a sala de estar e a sala de orações. O salão de jogos e de festas, últimos espaços deste piso, especula-se estarem ligados ao resto da casa através de um acesso estritamente funcional dado o desfasamento construtivo dos espaços interligados ou, por uma tribuna, construída para a família assistir às cerimónias.

Tendo os pisos funções bastante distintas, o rés-do-chão é pavimentado na sua maioria com terra batida e em alguns espaços com lageado de granito.



Figura 12: Planta Piso 0

1. Torre (35m²); **2.** Arrecadação (70m²); **3.** Anexo destinado a arrumos (43m²); **4.** Cozinha (17.5m²); **5.** Passagem entre o pátio interior e a parte tardoz (3.5m²); **6.** Capela (48m²); **7.** Local de armazenamento do vinho (76m²); **8.** Antigo lagar (167m²); **9.** Arrumos (61m²); **10.** Torre (100m²); **11.** Pátio (822m²)

No piso residencial, o pavimento é essencialmente em soalho excepto nos lugares correspondentes aos vãos, que são revestidos por soleiras em pedra à vista, e nas zonas sanitárias, revestidas por material cerâmico. Podem-se ainda observar tectos em masseira e algum mobiliário da época de seiscentos. As paredes são, na sua maioria, em alvenaria de pedra rebocada e as coberturas são em telha cerâmica, telha conde - e com a configuração de duas águas.

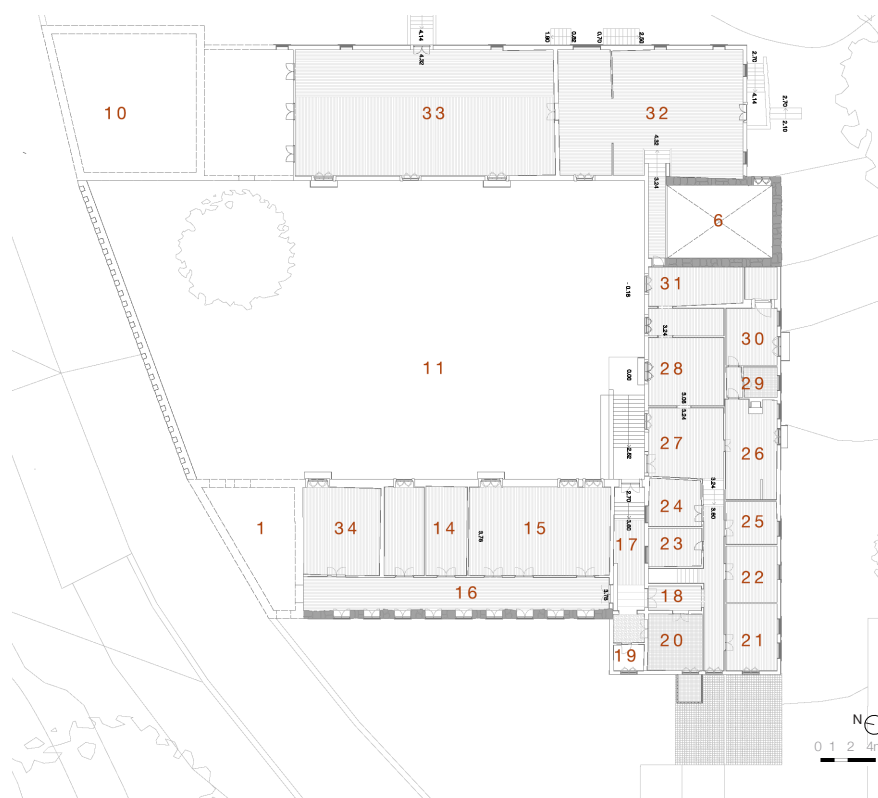


Figura 13: Planta Piso 1

14. Copa de apoio ao Salão (20m²); **15.** Salão nobre (70m²); **16.** Corredor (55m²); **17.** Corredor de entrada (20m²); **18.** Corredor (7.5m²); **19.** Casa de banho (4.5m²); **20.** Cozinha (17.5m²); **21.** Sala de refeições (19m²); **22.** Quarto (16m²); **23.** Quarto (12m²); **24.** Quarto (14m²); **25.** Quarto (12m²); **26.** Sala de estar (29m²); **27.** Sala de armas (30m²); **28.** Sala de apoio à sala de armas (27m²); **29.** Casa de banho (5.5m²); **30.** Quarto (16m²); **31.** Sala de orações (20m²); **32.** Salão de jogos e leitura (130m²); **33.** Salão de festas (180m²)



I. Levantamento do existente na Casa de Diniz

Levantamento do existente

Método do Levantamento

Para desenvolver um estudo aprofundado do edifício, é fundamental ter um reconhecimento geométrico detalhado e rigoroso, base estritamente necessária para qualquer tipo de análise, exploração ou interpretação.

Executou-se um levantamento geométrico a partir do qual foram realizados e complementados diferentes peças de desenho como plantas, cortes e alçados.

Para um levantamento mais exato optou-se por subdividir as áreas a serem desenhadas em pontos especificamente estratégicos e, a partir da soma das distâncias entre os mesmos, confirmados pelas diagonais de acordo com o sistema de triangulação, determina-se de forma rigorosa as dimensões dos espaços.

Outro método foi o registo fotográfico, do interior e exterior da habitação com indicação dos pontos de captação de forma a facilitar a compreensão dos espaços e ainda, o registo fotográfico dos alçados correspondentes a “ortofotos”, isto é, transposição da perspectiva fotográfica para o plano bidimensional, integrando informação sobre materiais, técnicas construtivas, cor, estereotomias, cortes, texturas e anomalias.

A resolução de ensaios gráficos tridimensionais foi outro recurso necessário para um melhor entendimento da especulação do edifício em cada uma das fases.



Figura 15: Processo do trabalho

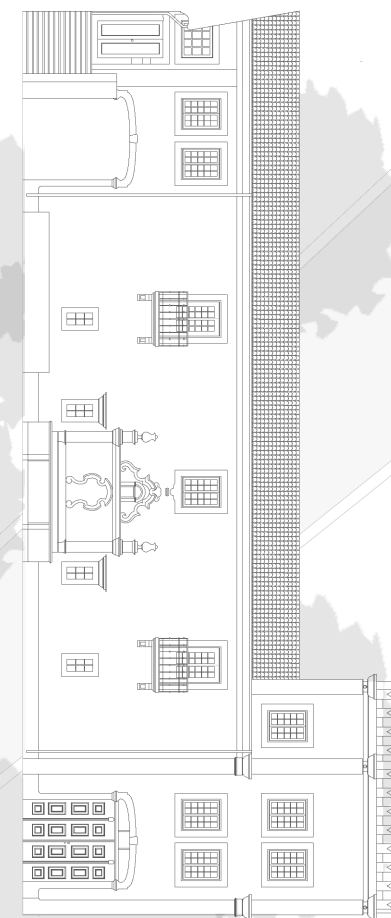
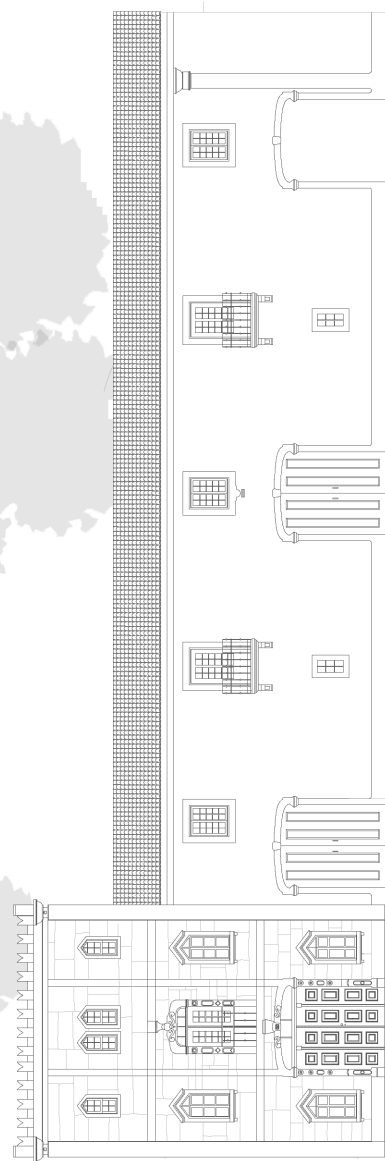
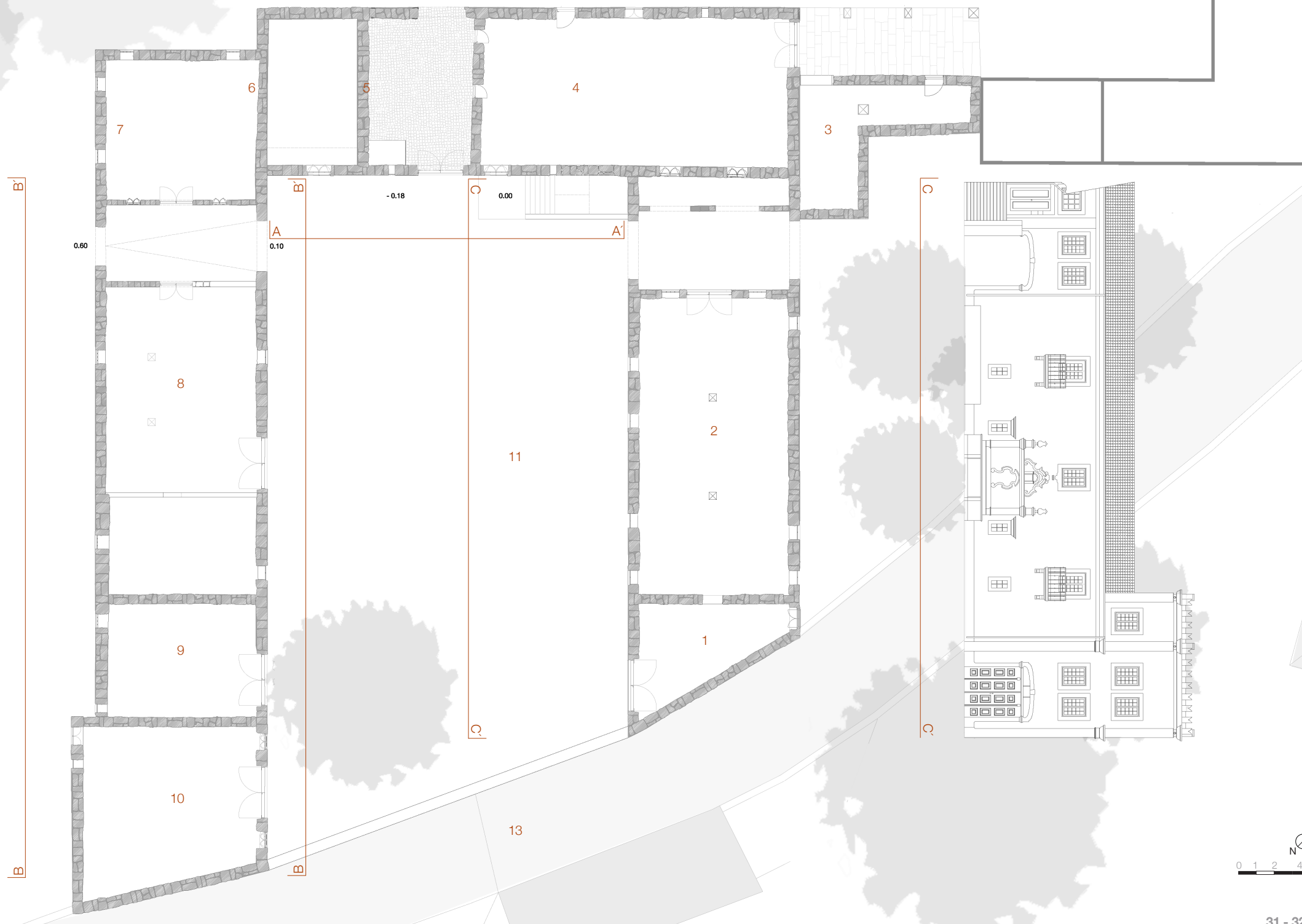
Levantamento do existente

Planta Piso 0

Alçados

Figura 16:

- 1.** Torre (35m²)
- 2.** Arrecadação (70m²)
- 3.** Anexo para arrumos (43m²)
- 4.** Cozinha (17.5m²)
- 5.** Passagem entre o pátio interior e a parte tardoz (3.5m²)
- 6.** Capela (48m²)
- 7.** Armazenamento do vinho (76m²)
- 8.** Antigo lagar (167m²)
- 9.** Arrumos (61m²)
- 10.** Torre (100m²)
- 11.** Pátio (822m²)
- 12.** Anexos
- 13.** Rua Major Diniz

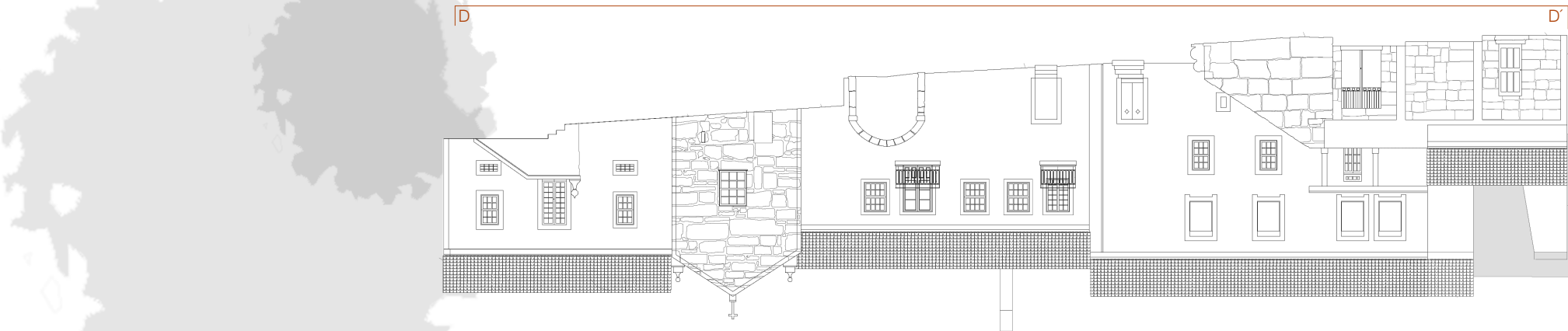


Levantamento do existente

Planta Piso 1
Alçados

Figura 17:

- 14. Copa de apoio ao Salão (20m2)
- 15. Salão nobre (70m2)
- 16. Corredor (55m2)
- 17. Corredor de entrada (20m2)
- 18. Corredor (7.5m2)
- 19. Casa de banho (4.5m2)
- 20. Cozinha (17.5m2)
- 21. Sala de refeições (19m2)
- 22. Quarto (16m2)
- 23. Quarto (12m2)
- 24. Quarto (14m2)
- 25. Quarto (12m2)
- 26. Sala de estar (29m2)
- 27. Sala de armas (30m2)
- 28. Sala de apoio à sala de armas (27m2)
- 29. Casa de banho (5.5m2)
- 30. Quarto (16m2)
- 31. Sala de orações (20m2)
- 32. Salão de jogos e leitura (130m2)
- 33. Salão de festas (180m2)



Levantamento do existente

Planta Cobertura
Cortes

Figura 18:

- 1. Rua Major Diniz
- 2. Pátio (822m2)
- 3. Anexos
- 4. Casa das Máquinas (84m2)

Levantamento do existente
Reconhecimento fotográfico dos espaços

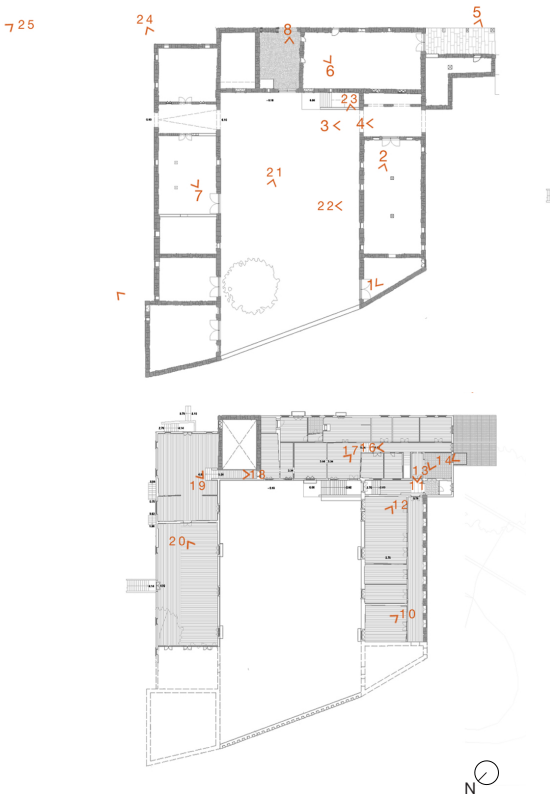


Figura 19: Identificação dos pontos de captação



V.1

V.2



V.3



V.4



V.5



V.6



V.7



V.8



V.9



V.10



V.11



V.12



V.13



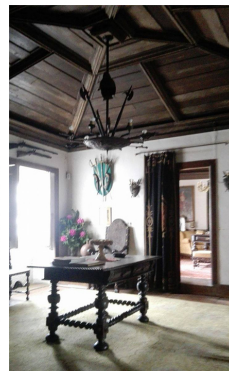
V.14



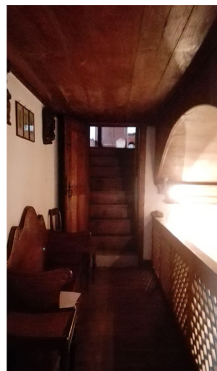
V.15



V.16



V.17



V.18



V.19



V.20



V.21



V.22



V.23



V.24



V.25

Levantamento do existente

Fotomontagens

A partir da sobreposição da fotografia ao desenho, consegue-se, de forma mais clara e mais credível entender os materiais, as cores e as estereotemias da fachada.

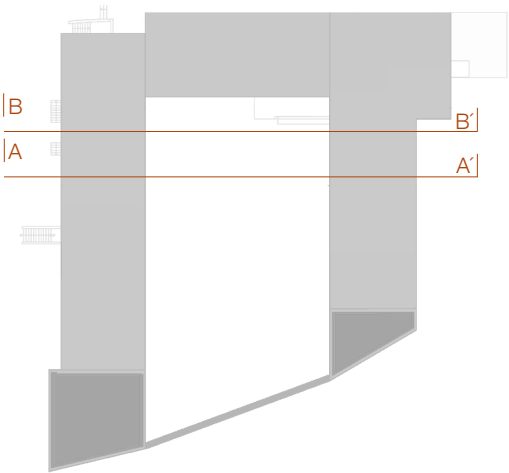




Figura 20: Fotomontagem I Corte AA'



Figura 21: Fotomontagem I Corte BB'





III. Interpretação evolutiva da Casa de Diniz

Interpretação evolutiva da Casa de Diniz

Método do Análise

Para esta tarefa ambiciona-se elaborar uma narrativa cronológica acerca do objeto de estudo, resultado da interseção de registos gráficos, depoimentos do proprietário e de fontes bibliográficas já analisadas e explanadas com novos dados através da observação física do objecto.

Assim sendo, além de comprovar o existente através do levantamento arquitectónico e da sucessão dos proprietários, uma vez que, pela ausência de documentos associados a obras ou reabilitações, torna-se oportuno a especulação acerca dos momentos das transformações construtivas na Casa de Diniz.

No sentido de uma argumentação fundamentada referente ao desenvolvimento do objecto procura-se a comparação como meio de perceber as tipologias construtivas da época, assim como, as particularidades morfológicas intrínsecas à sua concepção. Para a elaboração de uma linha construtiva da Casa de Diniz importa balizar o intervalo de tempo da sua existência. Isto posto, foram identificadas quatro fases marcantes na evolução deste imóvel, pertencendo a primeira fase à sua fundação (século XVII) contrapondo ao estado atual (século XXI). Após várias hipóteses evolutivas entre a concepção do edifício e o seu estado atual decidiu-se pela suposição mais precisa e válida.

A apresentação da evolução construtiva é feita da fase mais recuada à mais recente proporcionando uma narrativa evolutiva da consolidação morfológica e expressiva do objeto. Desta maneira, temos o Solar correspondente à fase primitiva da construção; o Solar com influencia da casa de brasileiro que corresponde à expansão oitocentista da área habitacional da casa; as torres junto à estrada que conformam a entrada do edifício; e por último, a concepção das alas que consolidaram o esquema em “U” agregando os distintos corpos do conjunto habitacional, conferindo à casa o seu aspeto atual.

Na procura para determinar cada fase do edifício considerou-se o contexto histórico e cultural com o propósito de indicar e contextualizar cada fase na sua respectiva época da história arquitectónica em Portugal.

O paralelismo e o enquadramento histórico português com outros edifícios possibilitam mostrar de forma concisa o que era feito nas diferentes épocas. Todos estes recursos permitem fundamentar, explicar e criar uma narrativa temporal e histórica por meio de uma compilação acerca da vida do edifício. Assim, este processo possibilita decompor os diferentes momentos que resultam numa narrativa construtiva do edifício ao longo dos anos.

“Os Solares disseminados pelo campo são cenários de verdadeiras cortes de aldeia onde famílias de antiquíssimos pergaminhos predominavam numa estrutura social cristalizada”

PEREIRA, José Fernandes – *Arquitetura Barroca em Portugal*,
p.169

III. Interpretação evolutiva da Casa de Diniz

Fase I

Interpretação evolutiva da Casa de Diniz

Contexto

O enquadramento cronológico desta primeira fase remonta ao final do século XVII início do século XVIII. Neste final de século era já mais intenso o movimento de obras de toda a natureza e de tal forma que, muitos foram, por essa altura e pelos inícios do século seguinte, os pedreiros “*improvisados em architectos*” que desenharam plantas e levantaram edifícios, facto talvez ainda mais frequente na arquitectura civil, que, como se compreende, mais facilmente lançava mão de construtores experimentados do que de verdadeiros architectos.”¹⁸

Desta maneira, percebe-se que as plantas das casas começam a expressar maior regularidade, desenvolvendo-se horizontalmente e tentam agregar nelas a capela. É também evidente que estas casas adoptam geralmente dois andares, tendo o primeiro piso elementos mais nobres do que o nível térreo e todo o esforço arquitetónico e decorativo expressa-se e concentra-se na fachada. “*Se há casas cujos interiores se apresentam com certa sumptuosidade, regra geral há grande disparidade entre a fachada e o interior, este quase sempre de grande simplicidade*”¹⁹

18. AZEVEDO, Carlos – *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*, 1988, p.56

19. AZEVEDO, Carlos – *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*, 1988, p.70



Figura 23: Uma das salas do edifício primitivo

Interpretação evolutiva da Casa de Diniz

Análise

Através de fotografias de família - *Figura 31* - e do desenho de levantamento da casa consegue-se ler o que seria o primeiro corpo da casa – o solar. É um volume autónomo, estrutural e formalmente de expressão artística distinta da restante casa, alinhando-se com os exemplos seiscentistas nacionais.

O alçado da casa organiza-se em dois níveis dos quais se destaca, pela expressão, regularidade, ritmo e dimensão da fenestração, o piso nobre, o primeiro piso, nitidamente vinculado ao programa habitacional. A tendência da época “é para acentuar a linha superior dos edifícios, efeito obtido pela decoração dos telhados e pelo emprego de frontões e outros ornatos que coroam a fachada”.²¹ e que se comprova na Casa de Diniz em que o remate superior é feito através de cornija sob beirado, alteado no centro, onde se encontra o brasão de família. (1)

O rés-do-chão é mais fechado, as suas aberturas apresentam-se por dois postigos defendidos por grades, um em cada extremo do alçado. Outras duas aberturas desenham este piso, uma alinhada e centrada com o vão e o brasão que lhe encimam no andar nobre, e outra de dimensões superiores que permite a passagem do gado e de automóveis à parte tardoz da casa.

Dispostos de forma contígua, os espaços interiores do piso térreo comunicam diretamente entre si, associados a espaços com funções de serviços como a cozinha e arrecadações agrícolas. O desenho do segundo piso, destinado à residência dos proprietários, mostra semelhanças com o piso inferior. Além da disposição dos mesmos espaços volumétricos limitados pelas paredes estruturais, o desenho deste piso denota as características de espaços contíguos, onde o acesso se faz diretamente de uns espaços para outros, comunicando entre si.

20. PEREIRA, José Fernandes – *Arquitetura Barroca em Portugal* / José Fernandes Pereira, p.189

21. AZEVEDO, Carlos – *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*, 1988, p.71

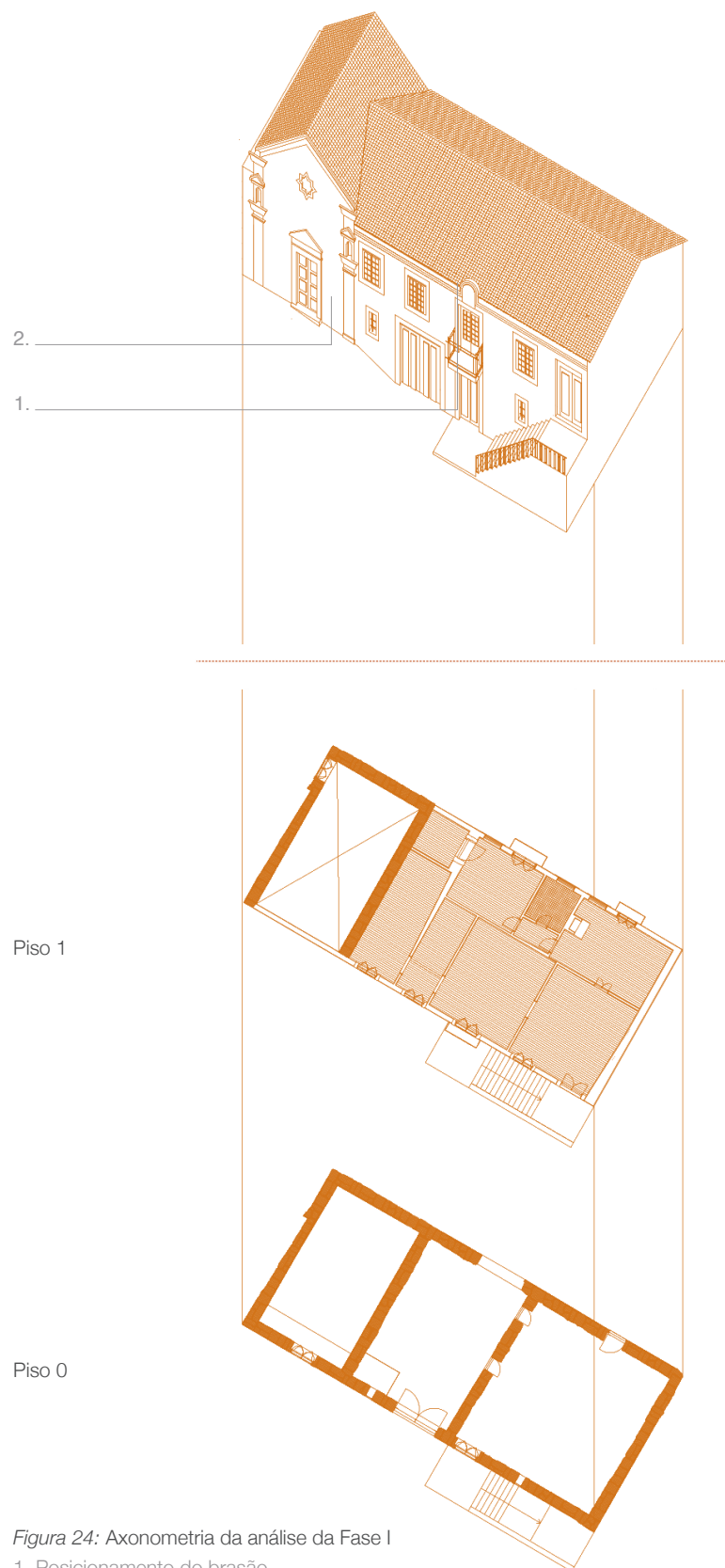


Figura 24: Axonometria da análise da Fase I

1. Posicionamento do brasão
2. Posicionamento da capela

Na leitura do alçado observa-se, no extremo esquerdo, o elemento de principal destaque, a capela dedicada à Nossa Senhora do Loreto.

A capela dispõe de uma planta rectangular, de espaço único, com cobertura em telhado de duas águas. A fachada é rematada por friso e cornija em cantaria, encimada por cruz latina. É delimitada por cunhais apilastrados, encimados por pináculos. No fuste interrompido por segundo capitel, os nichos incisos, em abóbada, albergam imaginária.

Na fachada rasga-se o portal, de verga recta e moldura simples, rematado por friso e frontão triangular. A encimar o portal um óculo estrelado em granito. O interior é rebocado coberto por forro de madeira de perfil abatido e iluminado por janelas de capialço rasgadas nas fachadas laterais. O retábulo-mor é de talha pintada de branco e dourado, sobre fundo azul. a composição é tripartida, organizada por colunas rectas encimadas por volutas, ornadas com folhas de acanto. Nos eixos laterais abrem-se nichos à face, com estatuária sobre mísulas. Ao centro, um nicho com arco de volta perfeita interrompe a cornija, remetendo para a matriz de uma serliana. Sobre o entablamento, uma sanefa remata a composição, a par de outros elementos escultóricos como volutas e querubins.



Figura 25: Interior da capela

Interpretação evolutiva da Casa de Diniz

Comparação

Para um melhor entendimento desta fase importa comparar com modelos análogos à Casa Diniz. Os casos de estudo selecionados partilham elementos e gestos característicos da linguagem arquitectónica de então. Contudo, uma vez que se trata de uma época de transição de seiscentos e setecentos, interessa relacionar os elementos, que mesmo desiguais entre si, propiciam determinar correlações com os já analisadas da Casa de Diniz. Desta maneira, ainda que não obedeçam ao mesmo estilo procurou-se exemplos em que os temas abordados revelam elementos da casa nobre. Assim, interessa estudar as características tipo-morfológicas do estilo arquitectónico e os modos de construção da casa nobre rural da época optando-se pela seleção de edifícios do Norte de Portugal por terem uma arquitetura mais próxima entre si.

Veja-se como exemplo, a Casa de Alvelo, em Vila Boa do Bispo, marcada na fachada por uma organização simétrica desenvolvida por três portas e duas janelas protegidas por grades no piso térreo. De um modo algo rudimentar, a porta central encimada por uma varanda e o respetivo brasão - *“Azevedo e Mello”* - marcam a entrada do edifício. A capela, ainda que não se encontre inserida na fachada, percebe-se essa vontade ao justapor-se à mesma por obediência ao alinhamento da fachada, ainda que como volume autónomo

Outro exemplo próximo à Casa de Diniz é a Casa de Rodas, em Monção, constituída por dois andares, um notoriamente mais nobre do que outro e o brasão firmado no centro da fachada que rompe com a linha da cornija. Ao contrário do exemplo anteriormente exposto, a capela está integrada no edifício, tal como se verifica na Casa de Diniz.



Figura 26: Casa de Alvelo, Marco de Canaveses
 [Disponível em: <http://vilaboadobisposempre.blogspot.pt/>]



Figura 27: Casa de Rodas, Monção
 [Disponível em: <http://www.solaresdeportugal.pt/>]

Interpretação evolutiva da Casa de Diniz

Comparação

A Casa de Penalva, em Ancede, construída nos inícios do século XVIII é também, exemplo de comparação. A grande simplicidade dos elementos arquitectónicos é contrariada pelo recortado de portas e janelas, sobre a porta da entrada, antecedida pela escadaria, forma-se um frontão triangular, tendo ao meio um escudo partido em pala. O equipamento religioso, mais ornamentado que os casos anteriores, apresenta-se com cunhais de cantaria e frontão contracurvado.

A Casa de Guimarães, em Santa Marinha do Zêzere, construída na primeira metade do século XVII é muito semelhante à Casa de Diniz. A capela rompe a cornija da casa e ocupa o extremo esquerdo da fachada, é ainda, notório no exterior da capela elementos - portas, janelas, frontão triangular e pináculos na cobertura - de feição seiscentista, facto que se observa também no caso de estudo.

Os exemplos comparativos apresentados revelam características que são transversais a todos estes solares. Assim, importa destacar os 9 pontos referidos por Carlos de Azevedo, em 1988, de forma a ajudar a caracterizar a arquitetura da casa nobre desta época através do exemplo da Casa de Diniz: ²³

1. Na casa nobre todo o esforço arquitectónico e decorativo concentra-se na fachada. Se há casas cujos interiores se apresentam com certa sumptuosidade, regra geral existe uma grande disparidade entre a fachada e o interior como é o caso da Casa de Diniz. De facto, há um maior investimento no que se refere à imagem externa, a representação do edifício.

2. A casa desenvolve-se horizontalmente e são muito características, nesta época, as longas fachadas. Todo o desenvolvimento faz-se, portanto, em comprimento. O objeto em estudo apresenta um desenvolvimento longitudinal o que permite ampliar a superfície de fachada (logo amplia a sua imagem) e, simultaneamente, coaduna-se ao uma gestão dos espaços internos segundo esquema sequencial ao longo de um mesmo eixo.

23. AZEVEDO, Carlos – *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*, 1988, p.147



Figura 28: Casa de Penalva, Ancede
 Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/>



Figura 29: Quinta de Guimarães, Santa Maria do Zêzere
 Disponível em: <http://www.solaresdeportugal.pt/>

3. Na casa solarenga um piso é nitidamente dominante, o chamado “andar nobre” e a sua importância avalia-se pela concepção das janelas, que no nível superior apresentam-se quase sempre mais ricas e de maior altura do que no andar térreo. Pela expressão, regularidade, ritmo e dimensão da fenestração é perceptível, na Casa de Diniz, o piso nobre. (1)

4. As fachadas são articuladas muitas vezes com pilastras lisas ou pouco salientes, frequentemente, acentuadas sobre os telhados, por diversos ornatos que procuram dar ênfase às linhas verticais. De facto, a fachada de Diniz apresenta uma composição plana em que cornija e pilastras balizam paramentos e acentuam as arestas dos volumes.. (2)

5. A tendência é acentuar a linha superior dos edifícios, efeito obtido pelo emprego de frontões, sólidas cornijas ou outros ornamentos que coroam as fachadas. Na Casa de Diniz o remate superior é feito através de cornija sob beirado, alteado no centro, onde se encontra o brasão de família e cuja expressão e consequente acentuação de sobrevalorizarem a horizontalidade da construção.

6. O elemento de maior evidência é a entrada, enriquecida por pilastras, continuada por uma janela central de tipo mais rico e rematada pelo brasão de armas da família. De modo semelhante, o vão de entrada da Casa de Diniz é continuado por uma janela de sacada e esta, encimada pelo brasão de armas da família dos Correia Miranda. (3)

7. A escadaria desempenha um papel decorativo e não apenas funcional. O acesso ao primeiro piso, no objeto em estudo, faz-se a partir do pátio por uma pequena escadaria em pedra adossada lateralmente à parede frontal enobrecendo a fachada. (4)

8. Os interiores são, geralmente, muito simples, embora, muitas vezes, apresentem decoração de grande interesse. A decoração de maior relevância, na Casa de Diniz, são tetos em masseira que alguns dos espaços interiores, nomeadamente, as salas de armas possuem.

9. Há uma evidente tentativa de relacionar a casa e o jardim, procura-se subordinar a natureza a um plano de conjunto a partir da casa. Pela dimensão e disposição dos vãos presentes no alçado tardo da Casa de Diniz, entende-se a tentativa de os relacionar com a mancha arbórea adjacente. (5)

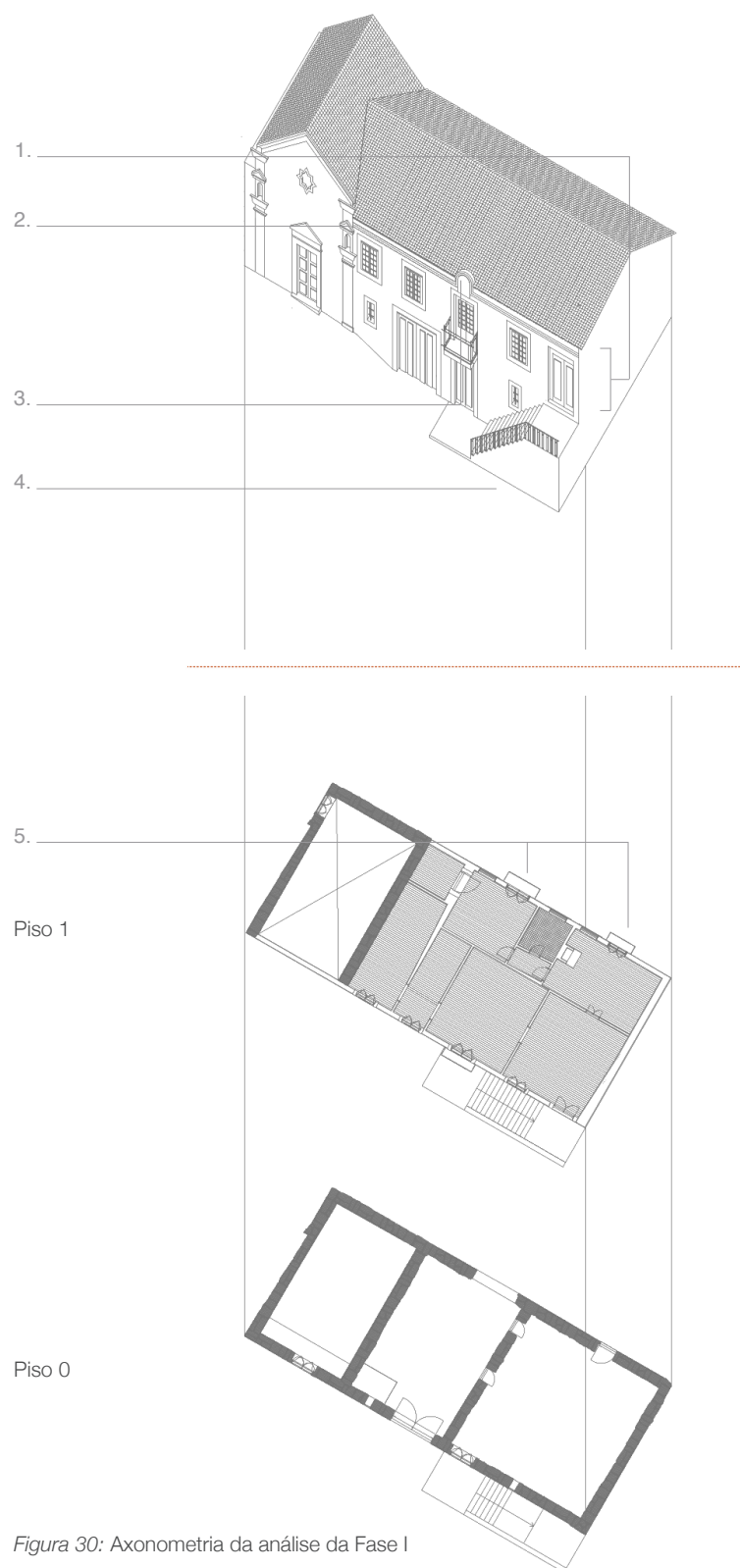


Figura 30: Axonometria da análise da Fase I

“Vão-se os olhos naquilo! Esta maravilha arquitectónica devem-na as artes ao gosto e génio pinturesco de um rico mercador que veio das luxuriantes selvas do Amazonas, com todas as cores que lá viu de memória e todas aqui fez reproduzir sob o inspirado pincel de trolha”.

BRANCO Camilo Castelo - *O Senhor de Paço de Ninães*, 1966,
p.23-24

III. Interpretação evolutiva da Casa de Diniz Fase II

Interpretação evolutiva da Casa de Diniz

Contexto

A paisagem social do Norte de Portugal tem, na casa e na personagem do “Brasileiro”, os principais referentes do que foi o tempo dos novos horizontes e das novas fronteiras. O norte do país conserva ainda hoje um riquíssimo património, testemunho de uma estreita relação entre a emigração para o Brasil durante a segunda metade do século XIX, o retorno e as alterações arquitetónicas, sociais, económicas e culturais.

Este êxodo para o Brasil trouxe rapidamente proveitos económicos para Portugal, dado que “... os capitais dos emigrantes portugueses no Brasil contribuíram substancialmente para impulsionar algumas das transformações mais importantes a nível socioeconómico em diversas regiões do país (...) devido aos investimentos dos «Brasileiros»”.²⁴ Alcançando os primeiros ganhos, estes emigrantes começam a regressar a Portugal no final do século XIX.

Deste modo, aqueles que tinham enriquecido, regressam às terras de origem e nestas aplicam a sua riqueza e prestígio alcançado, sendo esta uma época marcada “... por uma ocupação intensa do espaço com edifícios cívicos, num processo contínuo (...), e cujos edifícios vieram a ser designados de «casa de brasileiro»”²⁵.

Assim, a estrutura, os materiais utilizados, as dimensões e a decoração destes imóveis, descritos na época como “*belo palacete com portões de ferro ao lado, mirante, platibanda de granito*”²⁶, ou “*uma casa grande, de cantaria e azulejo, com três andares e varandas*”²⁷ ou, ainda, configuradas com um “*cubo de alvenaria com enfeites de ripa e latão*”²⁸ compõem a descrição de uma arquitectura ecléctica própria de um tempo feito de homens cosmopolitas.

24. ROCHA Maria Beatriz; CAEIRO Domingos. Portugal – *Migrações e Migrantes* (1850-1930), 2000, p.92

25. MONTEIRO, Miguel - *Migrantes, emigrantes e “brasileiros” de Fafe, 1834-1926: Territórios, itinerários e Trajectórias*, 2000,p.62

26. BRAGA, Jorge Salazar - *A Casa do “Brasileiro” e a paisagem rural do século XIX. Separata das Comemorações do Dia da Comunidade Luso-Brasileira*, 1986, pp.97-98

27. Idem

28. Idem



Figura 31: Fotografia retirada do álbum da Família dos Correia Miranda

Interpretação evolutiva da Casa de Diniz

Análise

A partir da análise do objecto arquitetónico em estudo e das asserções proferidas por Luís Bento Miranda, atual proprietário da Casa de Diniz, é viável ponderar-se que a ampliação feita ao conjunto inicial apresenta características de uma arquitetura de “Brasileiro”. Esta especulação é reforçada ao ter-se conhecimento que Joaquim Bento Miranda e Sá - anteriormente senhor dos terrenos de Diniz - terá viajado algumas vezes ao Brasil e através de documentos fotográficos encontra-se elementos que consubstanciam a mesma teoria. A procura da proporcionalidade entre o comprimento e a altura (1), resultando numa harmonia marcada pelos eixos das portas, das janelas e das pilastras divisórias, a ampliação da dimensão dos vãos e, consequentemente a diminuição do pano de parede resulta numa imagem por vezes de fachada monótona frequente nas casas de brasileiro. Por meio de fotografias, verifica-se que a Casa de Diniz, outrora, manifestava também uma continuidade e ampliação dos vãos de fachada. Contudo, apesar da forma retraída, percebe-se a vontade de aumentar a largura aparente do edifício, nomeadamente, com o avançado patente no primeiro piso (2) e a tentativa de acentuar a verticalidade da habitação. É visível nesta fase da Casa de Diniz uma característica clara nos palacetes burgueses oitocentistas, as quatro fachadas que, num exercício extremo de simetria, dão ao edifício uma forma quase cúbica. É ainda perceptível a introdução de um novo elemento compositor e organizador do espaço interior, o corredor. É a partir deste que se estendem os novos espaços da casa, deixando de ser transitáveis entre si numa lógica de sequência de alcovas.

O facto deste agregado habitacional já não existir, recorre-se a uma análise especulativa do que seriam os espaços internos. Assim, pressupõe-se que o andar nobre tivesse “o salão e a casa de estar, com acesso a uma varanda”.²⁹ Teria também os “quartos de cama, quarto de vestir e casa de banho” constituindo os lugares mais íntimos e reservados da família. “No sótão encontra-se a arrecadação e o alojamento da criadagem”³⁰. Esta era, possivelmente, a vivência da época no interior da Casa de Diniz.

29. AGUIAR, Maria em <https://dialnet.unirioja.es>, acesso a 4 Agosto de 2017

30. Idem

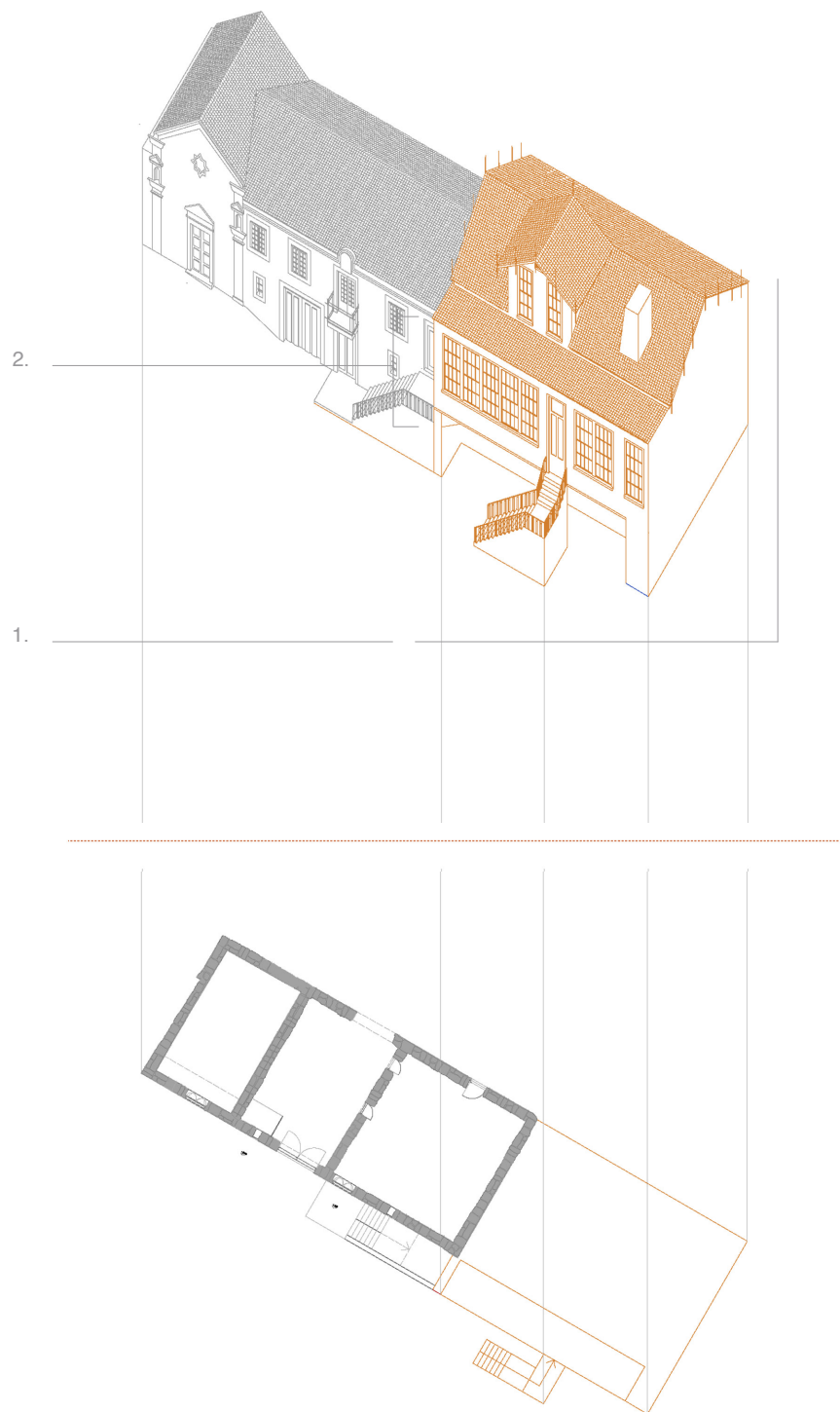


Figura 32: Axonometria da análise da Fase II

1. Proporção altura - comprimento
2. Avançado no Piso 1

Interpretação evolutiva da Casa de Diniz

Comparação

As escolhas dos casos comparativos à Casa de Diniz correspondem ao mesmo período histórico da fase proposta. Período em que Portugal conhece as novas classes dirigentes locais, destaca-se a presença do “Brasileiro”, filho e herdeiro dos pergaminhos da elite rural tradicional, fazendo-se representar, na casa e nas novas expressões do seu quotidiano tornando-se uma figura emblemática. Neste sentido, privilegia-se o Norte do Portugal para o desenvolvimento da análise comparativa uma vez que é a região do país onde mais se fez sentir a forte corrente migratória para o Brasil e onde se concentram maior número de “casas de brasileiros”.

Veja-se a casa de António José de Bastos de Azevedo, em Fafe, inserida no contexto da chamada “Casa de Brasileiro”, é composta por um corpo principal rectangular com desenvolvimento horizontal. A fachada principal é rasgada amplamente por vãos de verga recta, no rés-do-chão por portas e no primeiro piso por janelas de sacada. Apresenta elementos mais eruditos comparativamente à Casa de Diniz como o remate em cornija sob o beiral saliente com telhas vidradas e pintadas de azul sobre fundo branco e cintura de azulejos no limite do plano mural.

Outro exemplo próximo da constituição tipo-morfológica da Casa de Diniz é a Casa de Miquelina Alves de Sousa, localizada também em Fafe. Com uma volumetria horizontal, a fachada principal é revestida a azulejo industrial e interrompida por vãos continuamente repetidos. A cobertura faz-se com uma grande água furtada e um par de janelas, possibilitando a entrada de luz natural e confere uma maior área ao edifício.



Figura 33: Casa de António José de Bastos de Azevedo, em Fafe
 [Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/>]



Figura 34: Casa de Miquelina Alves de Sousa, Fafe
 [Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/>]

Interpretação evolutiva da Casa de Diniz

Comparação

É, igualmente, de mencionar a Casa do Comendador Albino de Oliveira Guimarães, em Braga. Como as anteriormente mencionadas, apresenta planta rectangular, dois pisos e desenvolve-se horizontalmente com coberturas em telhado de quatro águas. A Fachada compõe-se com onze vãos no primeiro piso e treze no segundo, ao centro concebe-se a porta principal ladeada por uma janela de cada lado, a que se segue uma porta, duas portas geminadas e uma última porta, sendo simétrico este esquema em ambos os lados. No segundo piso, os três vãos centrais são janelas de sacada única seguidas por duas janelas de cada um dos lados. O esquema de vãos no frontispício é, assim, alternado nos dois pisos, sendo que sobre os vãos geminados do primeiro há um só vão no segundo, e vice-versa.

Outro modelo não tão expressivo é a Casa de Manhufe, em Amarante, que, apesar de não se caracterizar como “Casa de Brasileiro”, evidencia características semelhantes como a simetria nas fachadas que dão ao edifício uma forma cúbica e a vontade de estender verticalmente o edifício conferindo-lhe mais luz natural e mais área habitacional.



Figura 35: Casa do Comendador Albino de Oliveira Guimarães, em Braga
 [Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/>]



Figura 36: Casa de Manhufe, Amarante
 [Disponível em: <http://portoalities.com/>]

“... estas torres eram construídas para habitação serviam um primário desígnio militar e defensivo das terras onde se encontravam.”

AZEVEDO, Carlos – *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*, 1988, p.22

III. Interpretação evolutiva da Casa de Diniz Fase III

Interpretação evolutiva da Casa de Diniz

Contexto

A partir dos registos da família pode fazer-se a análise de que a terceira fase construtiva surge nos finais no século XIX, com a construção das torres. É evidente o desfasamento temporal de estilos pelo facto das torres não apresentarem qualquer função defensiva. Contudo, percebe-se a tentativa de reproduzir a imagem da torre aplicada às casas senhoriais com função militar que, neste objecto de estudo, surgem apenas com o valor retórico de afirmação, legitimação do prestígio e antiguidade da família.

*“... durante o século XI a torre de menagem, de planta quadrada ou rectangular, que desempenhava papel especialmente importante; era a parte mais permanente e segura, e que rapidamente se generalizou na Europa, particularmente na primeira metade do século XII.”*³¹

Em Portugal deu-se um fenómeno idêntico, embora as torres senhoriais não tenham nunca alcançado a escala monumental observada, por exemplo, na Grã-Bretanha. As torres solarengas não são, portanto, torres de menagem de perdidos castelos, mas simples torres senhoriais que, se de princípio possuíam utilidade militar nas campanhas de reconquista, depressa se tornaram meros símbolos senhoriais, erguidas com autorização régia quando o monarca concedia privilégios de nobreza às torres de determinado senhor. *“Esses foros e privilégios da nobreza os mais importantes eram os “coutos” e “honras”, que, isentavam os moradores de certos impostos e do serviço militar”.*³²

Por fim, a torre solarenga tornou-se, pois, no mais honroso e evidente símbolo do senhorio de uma determinada terra. Embora simbólica continuou-se a utilizar para habitação e, durante bastante tempo conservou um certo grau de fortificação, assinalado nas paredes espessas com poucas aberturas e as linhas das ameias que passam a desempenhar um papel meramente decorativo.

31. AZEVEDO, Carlos – Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre, 1988, p.20

32. AZEVEDO, Carlos – Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre, 1988, p.22

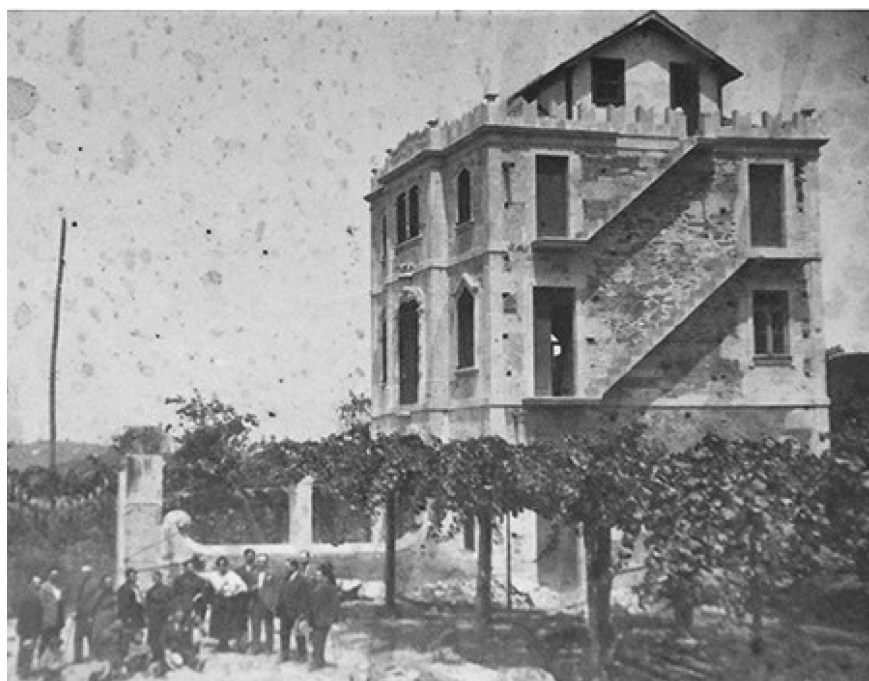


Figura 37: Fotografia retirada do álbum da Família dos Correia Miranda

Interpretação evolutiva da Casa de Diniz

Análise

As torres patentes na Casa de Diniz, reproduzidas sob a influência da casa senhorial que se impunha com a tipologia da torre, ganham forma no final do século XIX assumindo, porém, um dimensionamento e formulário ornamental próprio do gosto de final de oitocentos. A análise incide em fotografias de época e nas plantas de 1872, relativas aos Planos de Melhoramento do arquiteto Marques da Silva ³³ onde se denota a ausência de arruamentos na área adjacente a Diniz.

Assim sendo, é inusitado que as torres não tenham sido construídas com geometrias regulares (1) de acordo com o espaço amplo que aparentemente dispunham - *Figura 38* - Desta forma, poder-se-á intuir que a estrada situada à frente da Casa de Diniz – Rua Major de Diniz - seja anterior à construção justificando, assim, o facto das torres se apresentarem facetadas de acordo com a rua. O recuo do portão da Casa Diniz (4) com acesso a uma das torres directamente a partir do exterior, pressupõe-se que não terá qualquer tipo de lógica a não ser do estabelecimento de um paralelismo ao conjunto habitacional mais antigo.

Não há dúvida, porém, que as torres evidenciem apenas o poder da Família dos Correia Miranda - proprietária da casa – em Santo Tirso, não tendo qualquer função militar.

Na leitura da composição deste aparelho rusticado, organizado segundo falsas pilastras constata-se um conjunto variado de vãos nos distintos pisos (tripartição compositiva) (2), alguns de dois lumes, realçando o gosto revivalista manifestado também no uso de elementos de carácter neogótico. O carácter defensivo das ameias, existentes em todo o seu perímetro, desaparece e acentua-se o gosto italianizante com a presença dos merlões guibelinos. (3)

33. Memória Descritiva do Ante-Plano de Urbanização de Santo Tirso.

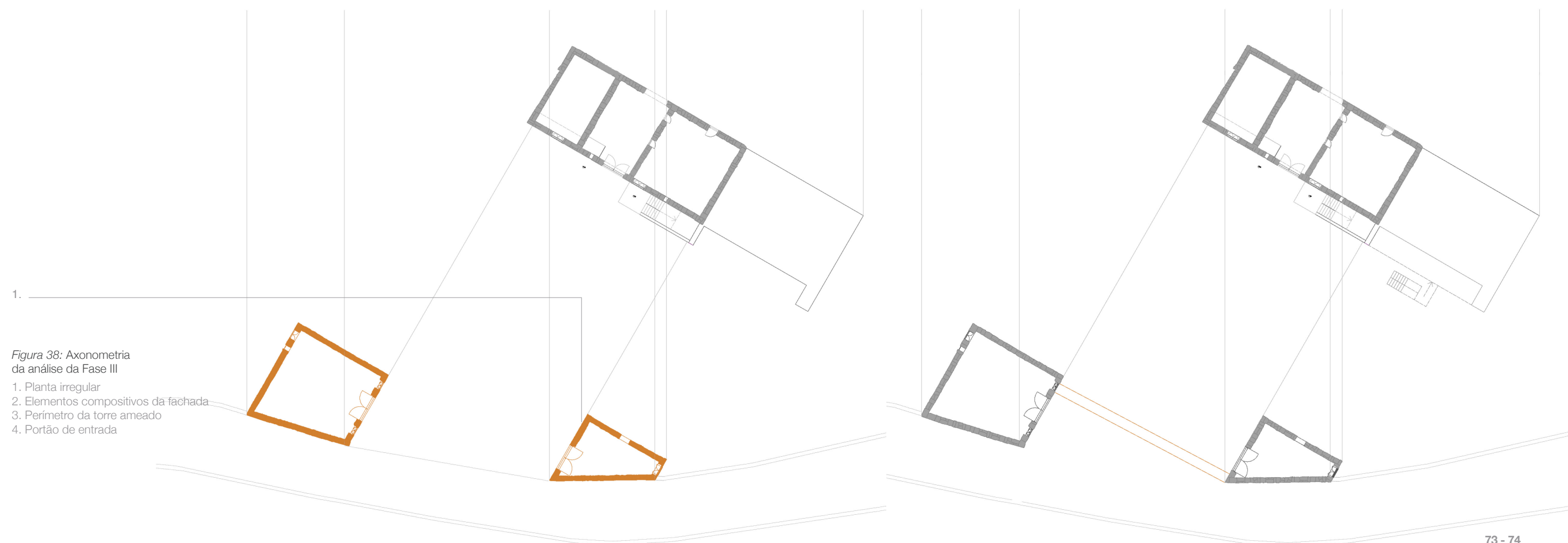
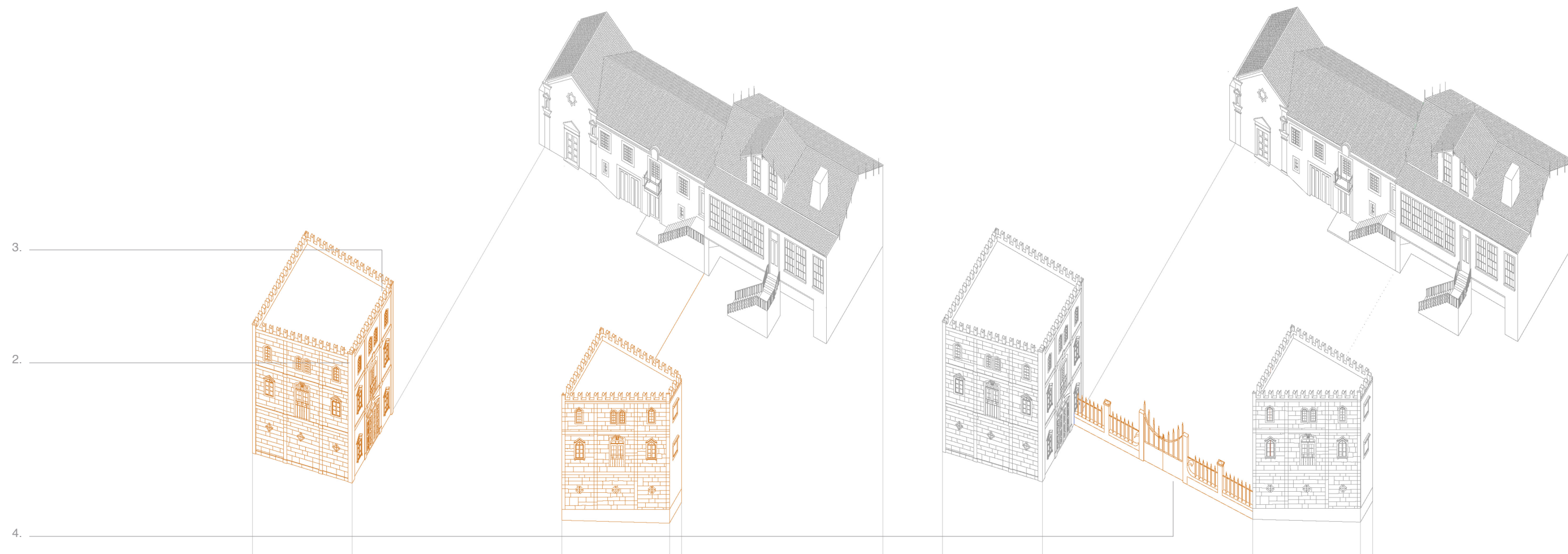


Figura 38: Axonometria da análise da Fase III

1. Planta irregular
2. Elementos compositivos da fachada
3. Perímetro da torre ameado
4. Portão de entrada

Uma vez construídas sem qualquer função defensiva ou militar, é permitido questionar-se qual a função que teriam estes espaços, atualmente inabitados, para além da afirmação de poder da família proprietária. Distantiadas do restante corpo habitacional pode-se especular que integravam programa de cariz social, um espaço de receção a visitas, eventualmente uma casa para hóspedes. Sendo este edifício um antigo Quartel de Milícias, pode-se conjecturar que as torres serviriam agora de museu de armamento e utensílios de combate de outrora, ou ainda, numa vertente mais poética, um lugar de refúgio, de recolhimento e reflexão aliado à paixão pela pintura, manifestada ainda hoje pela família dos Correia e Miranda.

O esquema exposto na *Figura 39* aponta um desenho regular das torres, paralelo à planta do edifício primitivo. Esta configuração é a proposta mais coesa na eventual inexistência da rua.

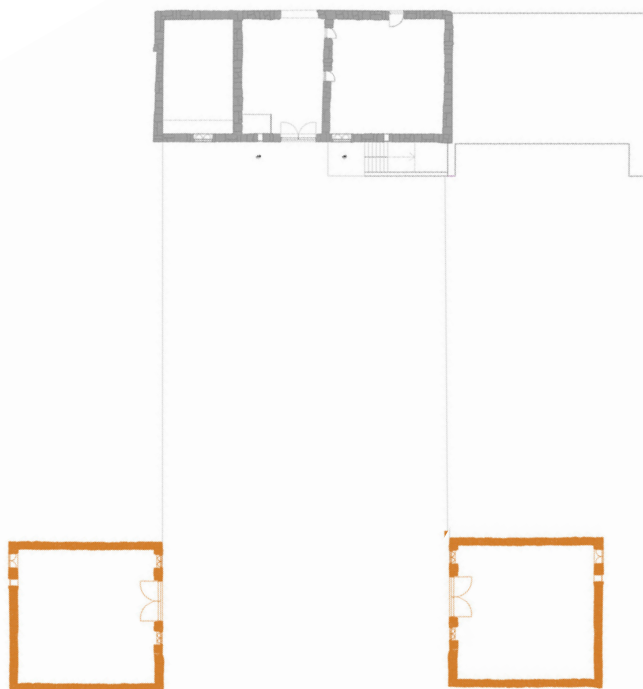


Figura 39: Hipótese da configuração das torres

Interpretação evolutiva da Casa de Diniz

Comparação

Para sustentar esta fase construtiva da casa foi necessário recorrer à análise e comparação de outras torres.

Veja-se a Torre de Dornelas, em Amares, construída em meados do século XII. Assemelha-se a Diniz ao implantar-se no seio de uma área agrícola, dominando a área envolvente. A torre desenvolve-se numa planta quadrada cujo aesso se eleva acima do nível do solo e a porta de entrada é marcada por um arco quebrado com duas aduelas.

Outro exemplo análogo à torre referida, é a Torre de Refóios, em Ponte de Lima, igualmente plantada numa mancha agrícola, é erguida na segunda metade do século XIII. Apresenta um elevado grau de fortificação marcado pelo coroamento do parapeito da torre com merlões quadrangulares e pela métrica do espaçamento entre as ameias que sublinham o carácter militar.

São sobretudo torres implantadas no meio rural, mas de período anterior. Interessa realçar que estas torres serviam um propósito militar e defensivo das terras onde se encontravam.

A Torre de Ribafria, em Sintra, interessante de comparar, uma vez que a torre se eleva em quatro pisos, definida por aberturas regulares, igualmente coroada de merlões de recorte chanfrado. O alçado Norte é marcado no piso térreo por janelas baixas e no piso nobre por janelas retangulares com colunelo, elemento análogo àquele presente nas torres da Casa de Diniz.



Figura 40: Torre de Dornelas, Amares
 [Disponível em:<http://www.monumentos.pt/>]



Figura 41: Torre de Refóios, Ponte de Lima
 [Disponível em:<http://www.monumentos.pt/>]



Figura 42: Torre da Quinta de Ribafria, Sintra
 [Disponível em:<http://www.cm.sintra.pt/>]

Próximo do contexto cronológico desta terceira fase construtiva da Casa de Diniz é a Capela dos Pestanas, no Porto, não pela torre mas pelo formulário plástico empregue.

Assim, construída entre 1878 e 1890, a capela dos Pestanas caracteriza-se por um ambiente neogótico inspirado nas catedrais góticas, testemunhado tanto no exterior como no interior.³⁴ A par da alta torre ocidental, o exterior do edifício é caracterizado por contrafortes terminados em pináculos que enquadram janelões de arco quebrado que, por sua vez, marcam a divisão interior em tramos. De facto, interior da capela foi concebido para albergar um dos mais impressionantes programas decorativos do nosso neogótico.

Interessante considerar-se a Quinta da Regaleira, em Sintra, datada de 1910,³⁵ que, embora não tenha a expressão de torre dispõe de elementos identificadores da época que, ao nível da fenestração do plano mural denota características próximas às torres da Casa de Diniz. Desta forma, os quatro pisos das fachadas, separam-se por torsais, vãos de verga curva, profusamente decorados, interior e exteriormente com molduras besantadas, cordas, nós, aves, animais, elementos naturalistas e ainda, cogulhos de vegetação. Sendo uma arquitetura residencial, revivalista e eclética, apresenta um palacete e uma capela de concepção marcadamente cenográfica e um estilo neomanuelino conciliado com outros revivalismos como o neogótico e neorrenascentista.

Assim sendo, estes dois últimos exemplos, ainda que mais depurados, espelham bem a relevância de uma estética revivalista, de pendor neogótico e neorrenascentista que se disseminaram no nosso país em final de oitocentos e que influenciou a composição dos alçados das torres da Casa de Diniz.

34. Retirado de <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/>, consultado a 2 de julho de 2017

35. Retirado de <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/>, consultado a 1 de outubro de 2017



Figura 43: Capela dos Pestanas, Porto
 |Disponível em: <http://portarc.blogspot.pt/>|



Figura 44: Quinta da Regaleira, Sintra
 |Disponível em: <http://www.trekearth.com/>|

“... a arquitetura civil evolui num sentido de regularidade de planos e de uma compartimentação interior que indica profundas alterações quanto à concepção de família e intimidade individual”.

PEREIRA, José Fernandes – *Arquitectura Barroca em Portugal*, 1992, p.170

III. Interpretação evolutiva da Casa de Diniz Fase IV

Interpretação evolutiva da Casa de Diniz

Contexto

O contexto cronológico desta quarta e última fase situa-se nos finais do século XIX, inícios do século XX. É através da construção das alas laterais que se entende a pretensão de conferir à casa - Casa de Diniz – uma planta em “U” aludindo à tipologia desenvolvida no século XVII e conservada durante o século XVIII.³⁶ As casas do século XVII caracterizam-se *“por uma grande sobriedade e que mantêm uma linha relativamente baixa, linha que a capela – quando existe – não excede. O desenvolvimento das fachadas obtêm-se pela repetição de janelas e espaços mais ou menos regulares, processo não isento de monotonia”*³⁷ Ainda que, no século XVIII, a ornamentação realce as fachadas, continua a prevalecer a composição linear e só as casas mais urbanas, por necessidade, multiplicam andares.

Correntemente apelidado de “época barroca”, o século XVII é marcado pela adopção da planta em “U” por via de influência nobre francesa. As casas nobres passam a exhibir uma maior regularidade e a intenção da conformação do espaço do pátio, espaço de honra e de recepção, enaltecendo, desta forma, a entrada da casa.

A acentuação do espírito seiscentista, manifestado na última fase construtiva, evidente na matriz espacial e conformação dos volumes das alas laterais, é decisivo para a imagem da casa e unidade material.

36. AZEVEDO, Carlos – *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*, 1988, p.57

37. AZEVEDO, Carlos – *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*, 1988, p62



Figura 45: Fotografia retirada do portão da entrada para o pátio

Interpretação evolutiva da Casa de Diniz

Análise

A partir da análise do objeto arquitectónico e tendo por base uma reflexão em torno da casa nobre do século XVII, a adoção da planta em “U” e, consequentemente, as suas características arquitectónicas, pressupõe-se que a Casa de Diniz, nesta última fase construtiva, revivifica alguns elementos desta época.

O novo desenho arquitetónico é conseguido pela construção das alas que unem o edifício mais antigo às torres, conformando o pátio de acesso à casa. A cota de remate dos coros laterais, mais elevada que a do corpo primitivo, parece ser estrangida à ampliação oitocentista da casa. O novo alçado é, portanto, desenhado com bases simétricas e regulares a partir do eixo de simetria – o brasão presente no alçado principal. ⁽¹⁾

Esta simetria revê-se, de igual modo, a partir das aberturas nos alçados ⁽²⁾ e na composição estrutural evidente no rés-do-chão reproduzida no primeiro piso.

As fontes e a mancha arbórea adjacente à casa exploram os temas da água e da vegetação tão caracterizadores de setecentos: “Na casa e no jardim há uma evidente tentativa de relacionar ambas as coisas”. ³⁷

Na continuidade deste pensamento arquitetónico, anos mais tarde, consegue-se a imagem atual de casa fortificada com a construção de um muro ameado que encerra o pátio. ⁽³⁾

Assim, existe uma notória vontade de conformação do espaço do pátio, encerrado por um muro, enaltecendo a entrada da casa.

Em geral, nesta quarta e última fase proposta existe uma vontade vincada de desenhar com o gosto barroco. Isto entende-se na nova matriz inerente ao desenho do pátio, guardado por um muro, que enaltece a entrada da casa. A conformação do jardim e as fontes são novos elementos caracterizadores do vocabulário barroco, onde se nota a predileção pelo lazer.

37. AZEVEDO, Carlos – *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*, 1988, p74

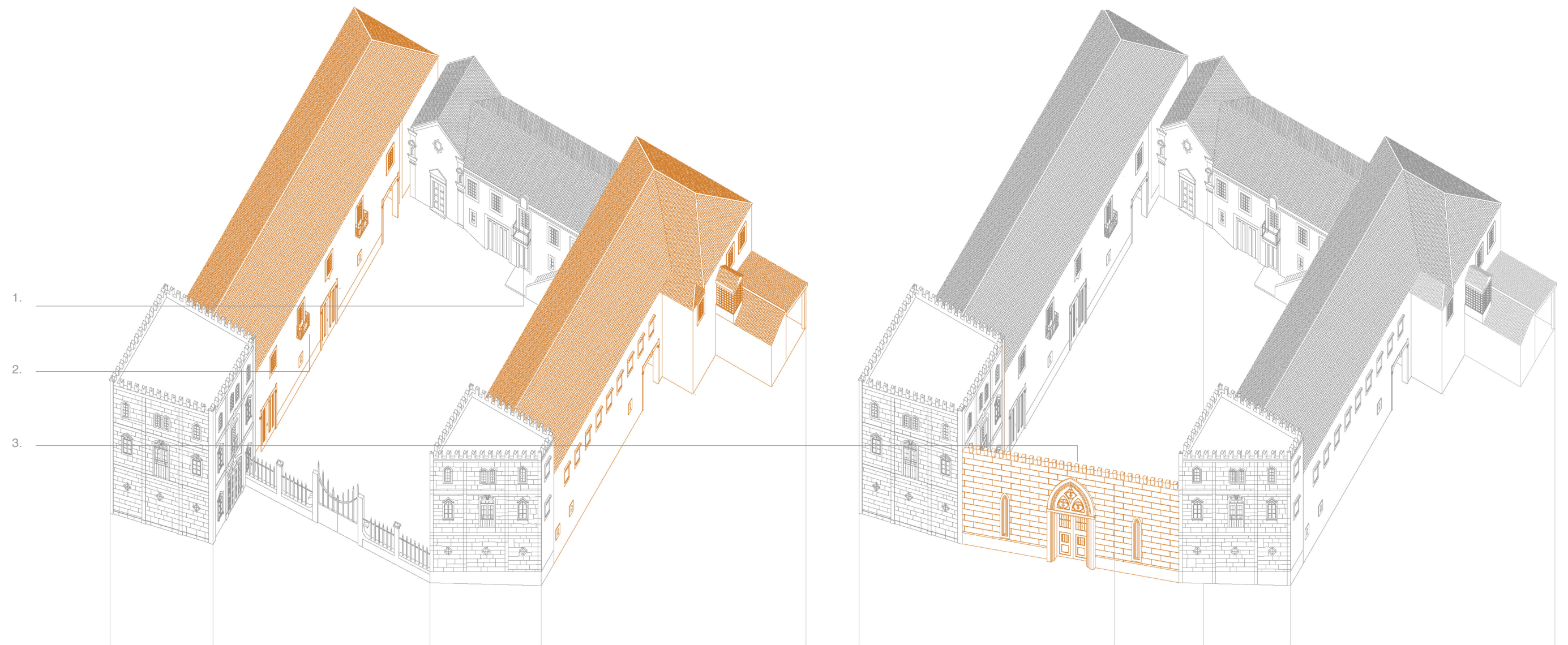
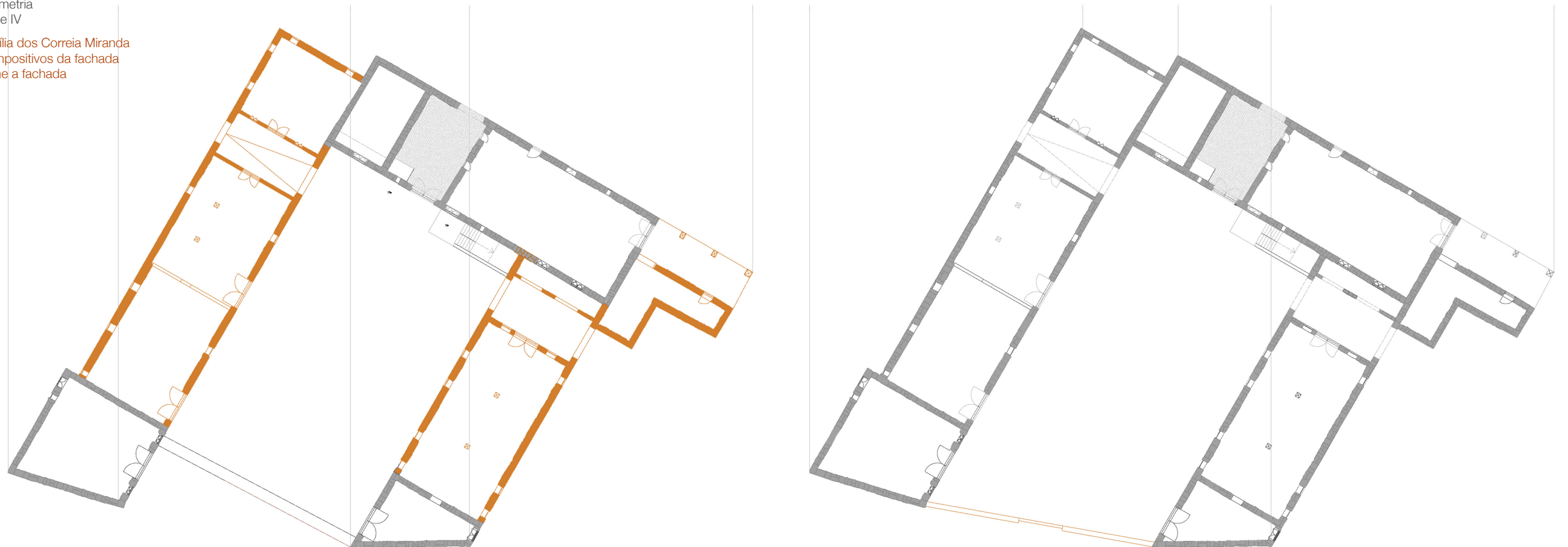


Figura 46: Axonometria da análise da Fase IV

1. Brasão da família dos Correia Miranda
2. Elementos compositivos da fachada
3. Muro que define a fachada



Interpretação evolutiva da Casa de Diniz

Comparação

Para melhor compreensão das novas construções na Casa de Diniz importa relacionar com outros exemplos próximos, adoptando igualmente a planta em “U”. Com elementos que, embora do ponto de vista da sua cronologia coincidam com a primeira fase da casa de Diniz, são do ponto de vista tipológico e matricial concordantes.

Notoriamente mais nobre em relação ao edifício em estudo, a Casa de Vale de Flores, em Braga, aproxima-se pela configuração de planta em “U”.

Construída no último quartel do século XVII, é das mais notáveis casas da época de seiscentos “... sendo do tipo a que chamaremos *“fechada”*, visto serem as alas laterais unidas por um alto muro no qual se abre o portão nobre.”³⁸ Desta forma, o pátio confina-se a um retângulo delineado pelo muro – coroado por pirâmides rematadas de esferas - e o edifício, isolando a casa do contacto ao exterior. Assim, “ a regularidade da planta, o carácter e a sobriedade das fachadas, a grande dignidade aliada à extrema simplicidade, fazem desta casa uma das mais importantes e características do século XVII.”³⁹



Figura 47: Casa de Vale das Flores, Braga

[Disponível em: <http://conhecerportugal.com/>]

38. AZEVEDO, Carlos – Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre, 1988, p58

39. Retirado de <http://www.solaresdeportugal.pt/>, consultado a 29 de junho de 2017

Interpretação evolutiva da Casa de Diniz

Comparação

Embora menos erudita relativamente à Casa de Vale das Flores, a Casa dos Pascoais, em Guimarães, é um bom exemplo. A casa apesar de *“incendiada em 1808 pelas tropas francesas, durante as invasões do tempo de Napoleão, foi reconstruída em pleno século XIX mas conservou a sobriedade das casas seiscentistas – a capela que ainda lá se encontra foi instituída em 1672.”*⁴⁰ Ainda assim, conservou-se a planta em U, ergueu-se um muro coroadado de figuras e bustos resultando num pátio interior. O interesse pelas fontes de espaldar, vulgares no século XVIII, está patente através de um tanque que se encontra no meio do jardim.

A Casa do Ribeiro, também em Guimarães, é outro caso de construção setecentista de planta em U. Erguida em 1688 exhibe numa das alas uma capela de desenho octogonal, objecto de elevado destaque no edifício composto por elementos arquitectónicos sóbrios, característicos desta época e, à semelhança dos exemplos anteriores, pode-se observar o tema da água, no jardim principal do edifício com uma *“fonte com três estátuas, simbolizando as Três Virtudes: Fé, Esperança e Caridade.”*⁴¹

Outra casa importante que se construiu em Portugal nos finais do século XVII, foi a Casa de Calhariz, na Arrábida. A casa adopta a planta em U, composta por dois corpos laterais, embora não ligados por um muro, como acontece nos outros exemplos. A porta de entrada, no centro do corpo principal, é de inquestionável inspiração maneirista, com *“colunas torsas e frontão quebrado”*⁴². Caracteriza-se pelo aspeto sóbrio das fachadas, pela repetição das janelas numa concepção linear habitual do século.

Como se constata, o caso de estudo apresenta características comuns a todas estas casas. O eixo de simetria que desenha a métrica e regularidade dos alçados, a noção de privacidade da casa através do muro que encerra o pátio e ainda, os temas da água e vegetação são transversais em todos estes exemplos.

40. Retirado de <http://www.solaresdeportugal.pt/>, consultado a 29 de junho de 2017

41. AZEVEDO, Carlos – *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*, 1988, p124

42. AZEVEDO, Carlos – *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*, 1988, p156



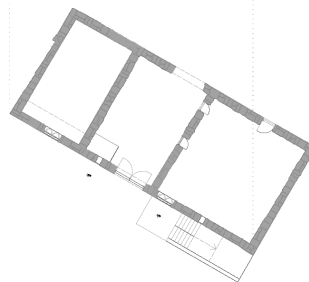
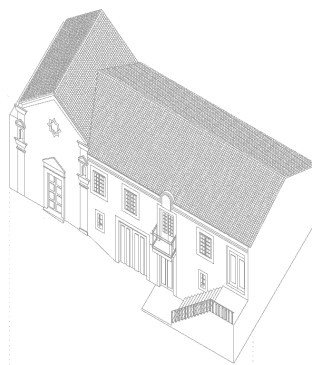
Figura 48: Casa dos Pascoais, Guimarães
 [Disponível em: <http://conhecerportugal.com/>]

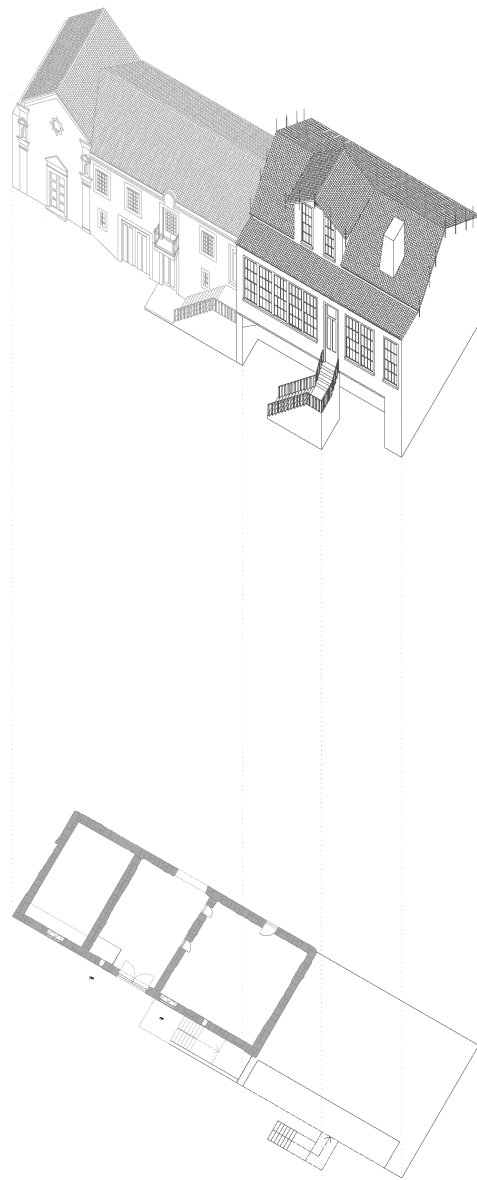


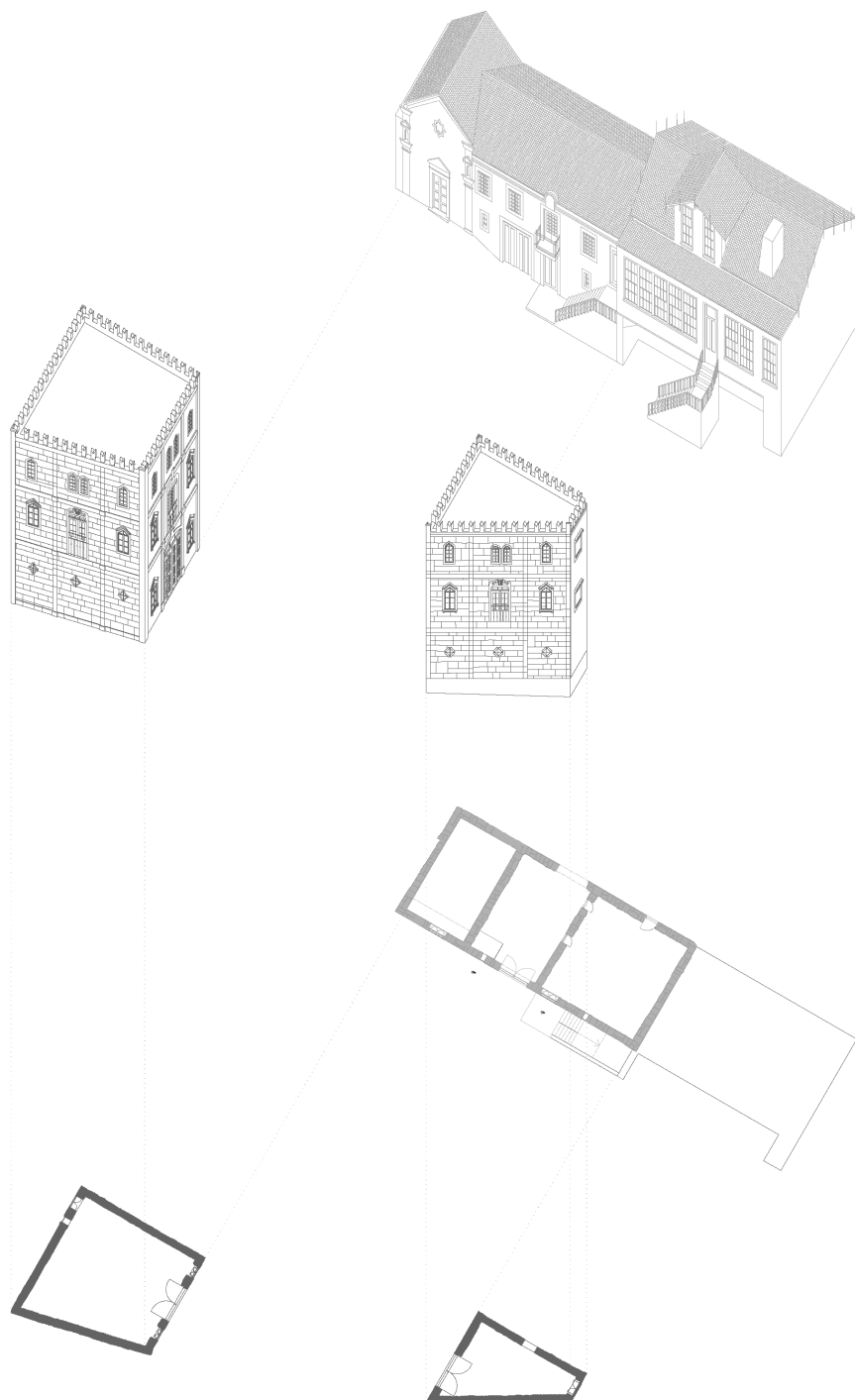
Figura 49: Casa do Ribeiro, Guimarães
 [Disponível em: <http://www.solaresdeportugal.pt/>]

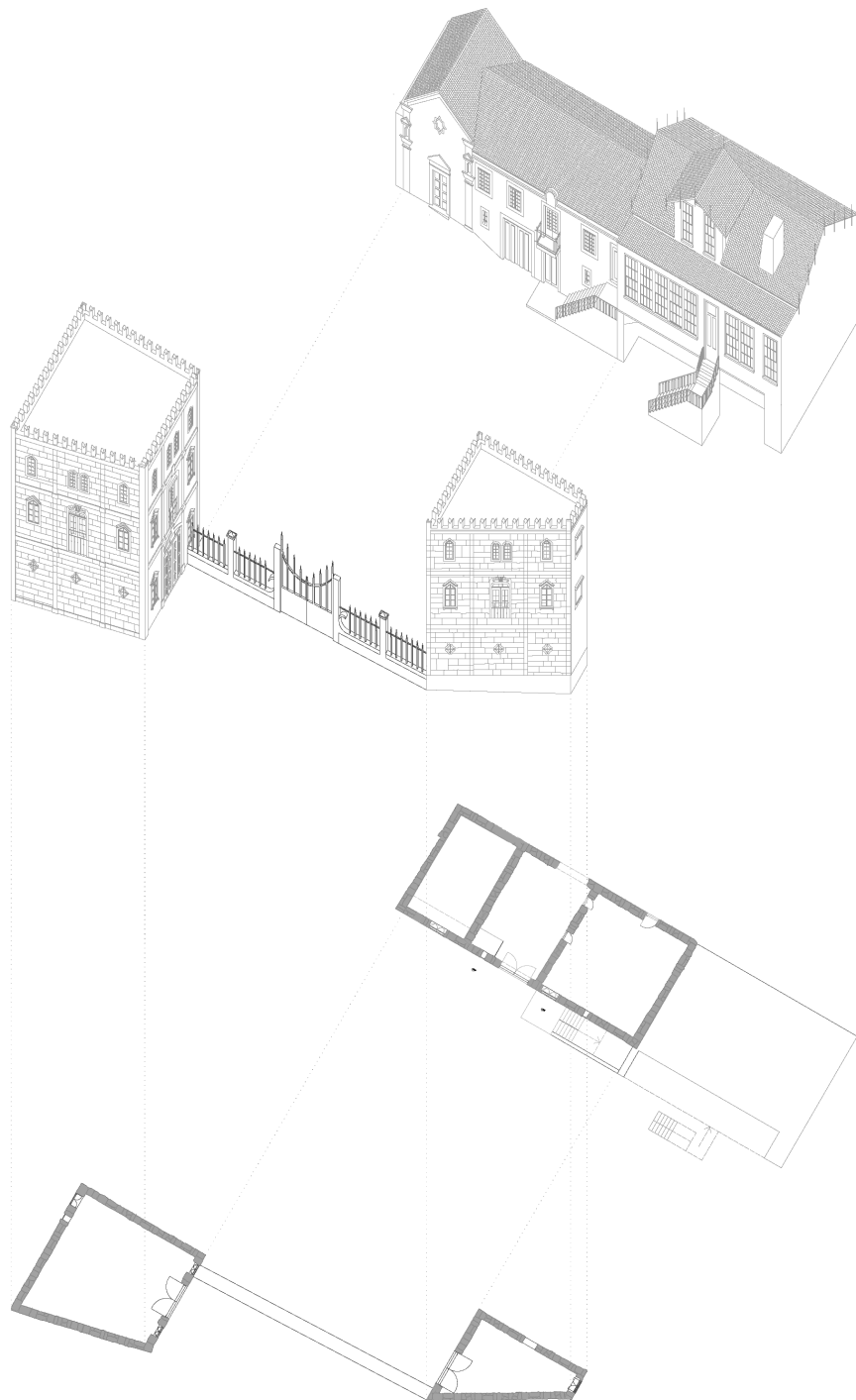


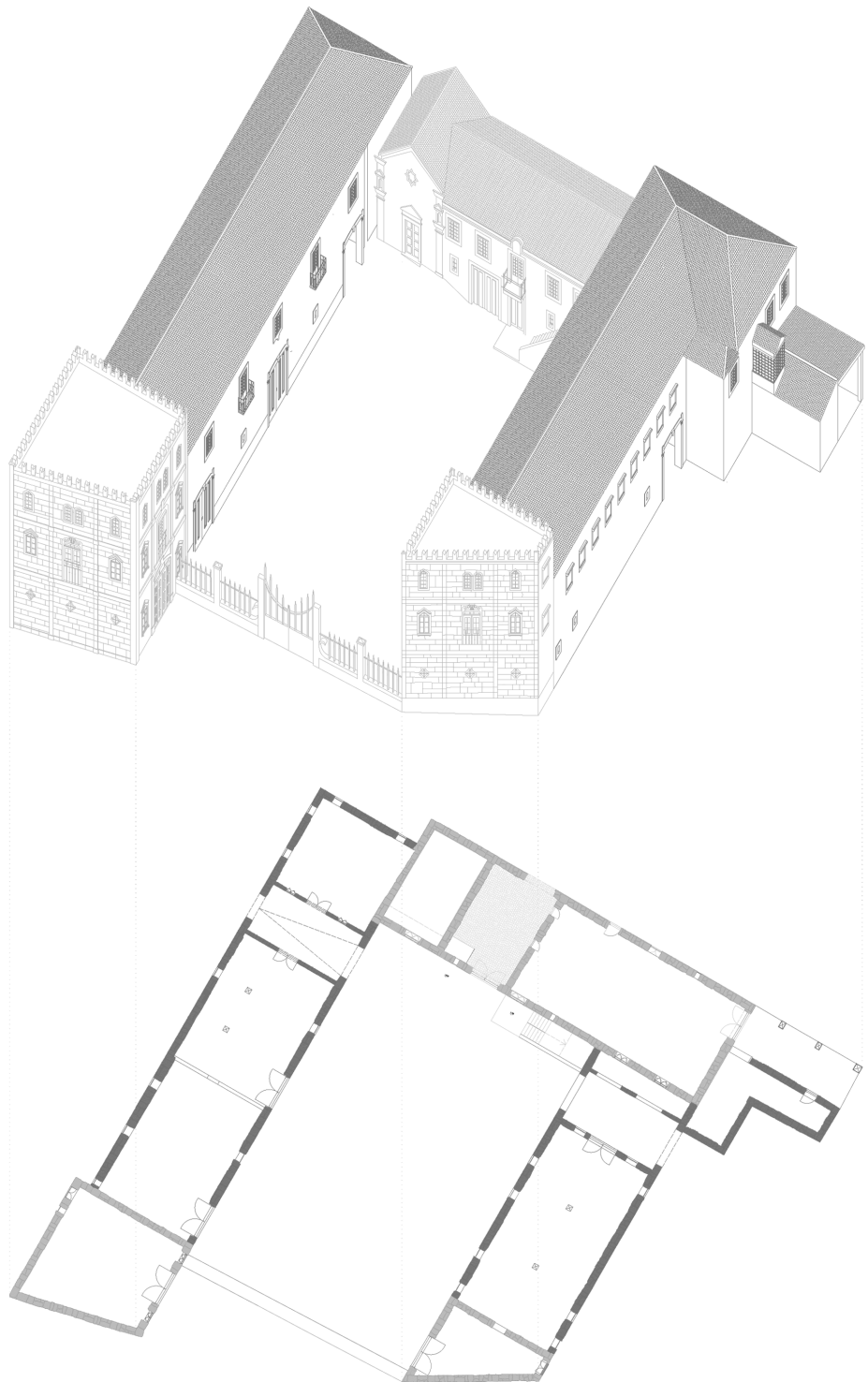
Figura 50: Casa de Calhariz, Serra da Arrábida
 [Disponível em: <http://www.solaresdeportugal.pt/>]

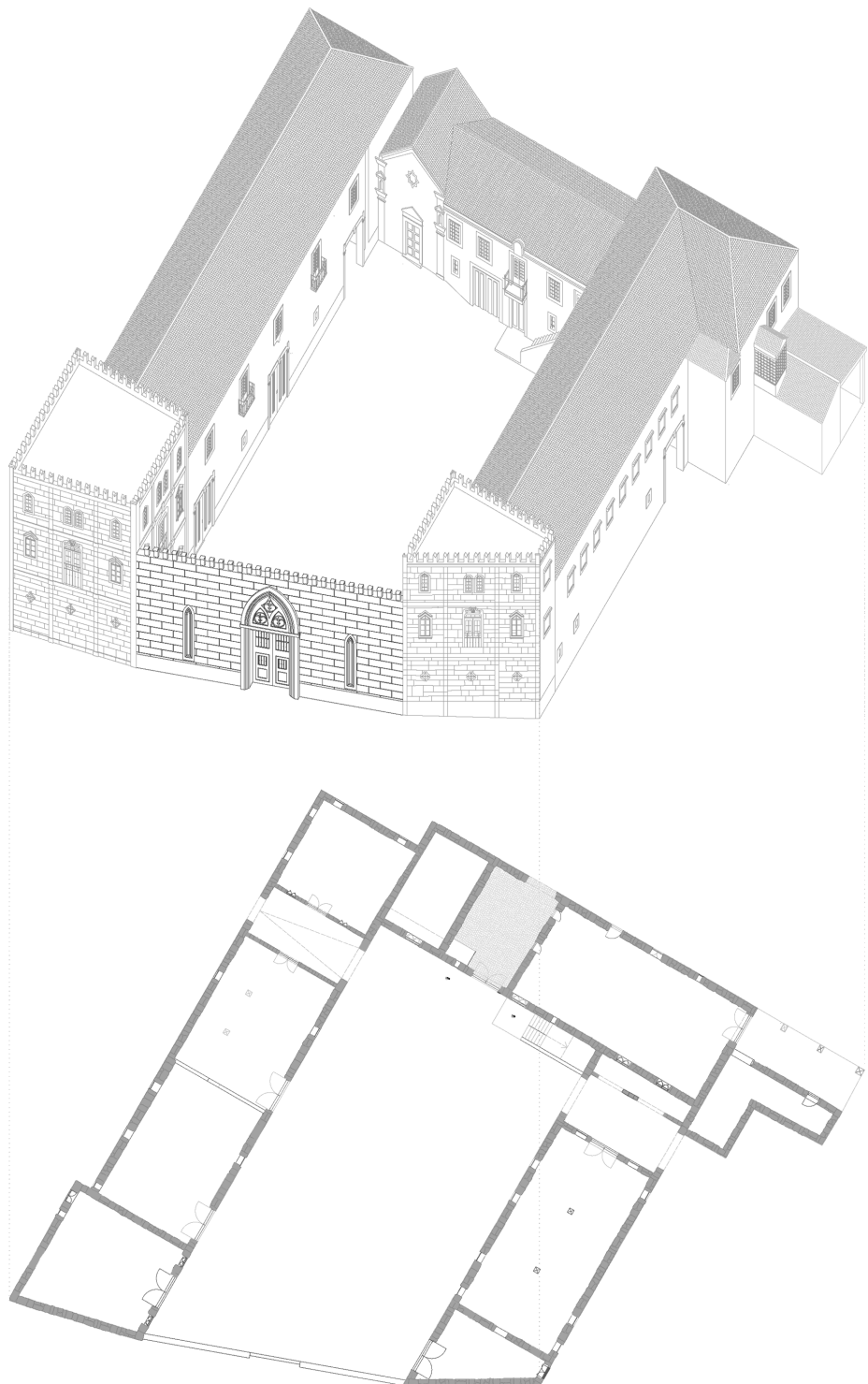












Interpretação evolutiva da Casa de Diniz

Estudos métricos e de modulação

A concepção arquitetônica da Casa de Diniz assenta em princípios de composição que lhe conferem proporções regulares e equilibradas.

Segundo Mário Barroca,⁴³ o sistema de medidas usado em Portugal em época medieval e moderna apoia-se no Palmo com 22 cm e nos seus dois principais múltiplos: o Côvado com 66 cm (correspondente a três palmos) e a Vara com 110 cm (correspondente a cinco palmos). Existe ainda uma quarta medida, a Braça, com cerca de 184 cm de comprimento.

Na Casa de Diniz é notória a utilização da unidade de medida base de vara, sendo decifrável uma matriz compositiva - *Figura 51* - apoiada no módulo de 3 varas que estrutura todo o edifício quer na composição dos alçados, quer no desenho planimétrico.

Perante a análise da matriz compositiva, observa-se que o perímetro da Capela dedicada à Nossa Senhora do Loreto se inscreve num retângulo de dois módulos (de 3 varas cada um) de largura e três de comprimento (1). A partir do desenho, em planta, lê-se uma correspondência direta entre o comprimento da capela e a largura do restante corpo primitivo. Desta forma, os espaços interiores são balizados pelas paredes estruturais que encerram um retângulo de três por oito módulos.

Assim, a partir desta observação, que evidencia a correspondência direta entre a modulação da construção primitiva e a do restante corpo habitacional, torna-se óbvio que os princípios compositivos das diferentes camadas construtivas regem-se pelos da construção inicial criando-se múltiplos ou submúltiplos do mesmo. Ainda que a aparente irregularidade geométrica das torres com o restante edificado, pela sua adaptação à topografia, tende a seguir uma lógica modular semelhante aos princípios já anunciados. A torre situada mais a norte, inscreve-se num quadrado com três módulos de lado, enquanto a outra apresenta uma planta próxima de um triângulo retangular tendo, aproximadamente, os catetos dois e três módulos de comprimento.

43. BARROCA, Mário - "*Medidas-Padrão Medievais Portuguesas*", 1992, p54

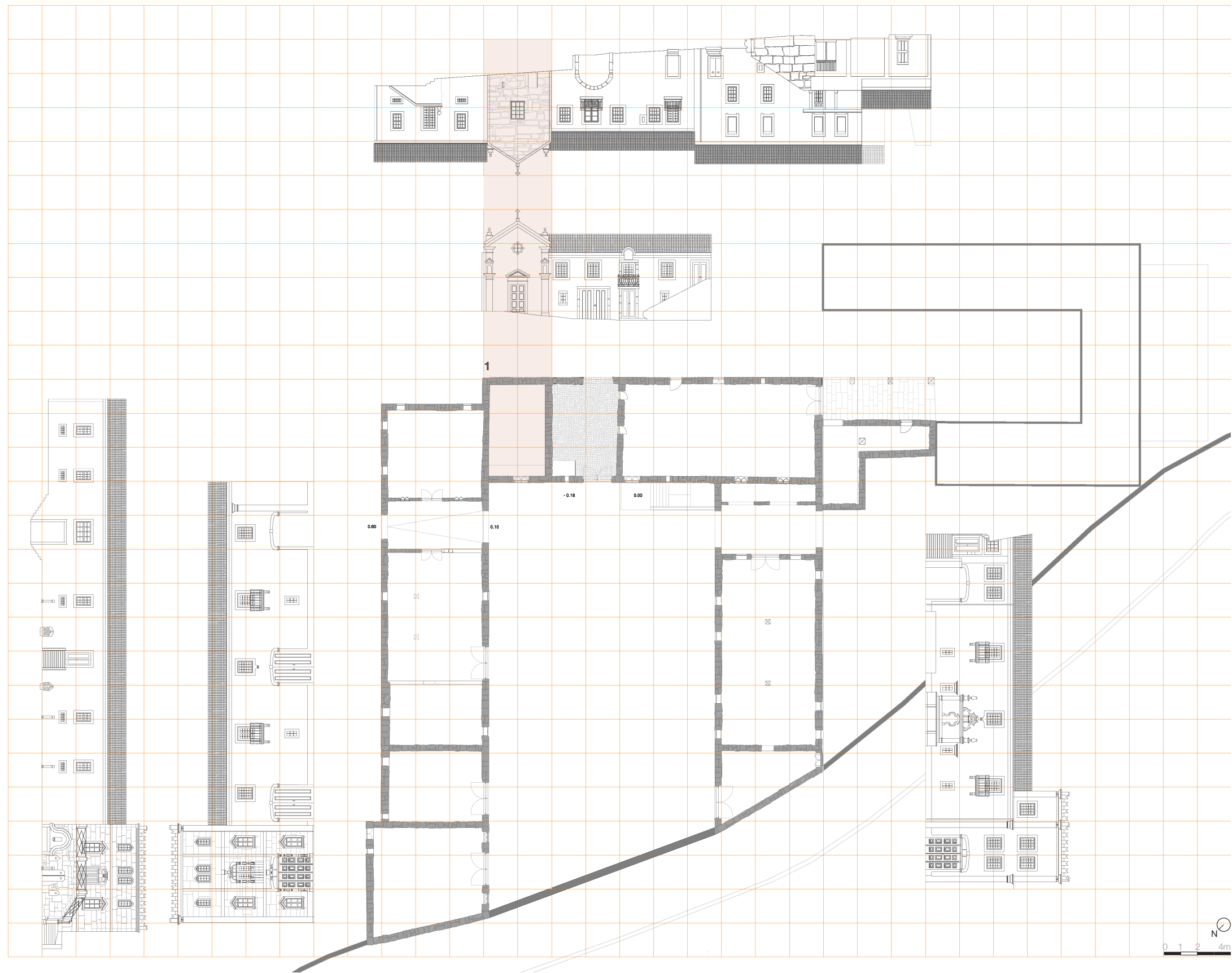


Figura 51: Análise métrica e modular

Sendo as alas habitacionais elementos construtivos ulteriores, ficam restringidas ao espaço resultante entre o corpo primitivo e as torres. No entanto, o módulo de 3 varas é também determinante na sua composição. Ambas têm, pelo interior, profundidade de três módulos e o comprimento varia de acordo com a distância entre a respetiva torre e o conjunto habitacional mais antigo. O módulo já mencionado (de 3 varas) é também matriz compositiva dos vários espaços interiores das alas, os intercolúnios no piso térreo, assim como os compartimentos de forma retangular no primeiro piso, encerram, muitas vezes, uma porção de três por dois módulos e ajudam a ritmar a métrica construtiva.

Disposta numa planta em “U”, a área residencial volta-se para o pátio e é encerrada por um muro contínuo no topo que limita, desta forma, o seu perímetro. Assim, a planta do pátio desenha-se num retângulo truncado a Norte com sete módulos de largura e aproximadamente onze de comprimento.

Por fim, esta análise de modulação métrica é, portanto, mais uma ferramenta útil para o estudo geométrico e construtivo da Casa de Diniz. A constante repetição do módulo (de 3 varas) nas diferentes fases construtivas, nomeadamente, na profundidade dos volumes é, provavelmente, condicionada pela medida dos vigamentos e travejamento que, sendo de madeira, assumem dimensões estandardizadas.

Conclusão

A análise organizada nos capítulos anteriores constituiu-se como fundamental para o reconhecimento e especulação das principais transformações morfológicas ocorridas na Casa de Diniz, do século XVII até a atualidade. As diferentes ferramentas de investigação, desde a análise histórica à artística, em paralelo com registos gráficos, analíticos e comparativos, possibilitaram elaborar a evolução cronológica sugerida. A partir do cruzamento de todas essas informações é possível elaborar as principais conclusões deste estudo.

Estruturado em três capítulos, o trabalho apresenta a Casa de Diniz no seu contexto urbano, bem como a caracterização do edificado, tornando-se essencial para contextualizar a construção do objeto de estudo. Desta forma, segue-se o levantamento métrico e o registo fotográfico que permitiram uma análise interpretativa do faseamento construtivo da casa.

Posteriormente, para legitimar o enquadramento histórico e artístico de cada fase construtiva, recorreu-se à comparação de casos análogos, compreendendo as características tipo-morfológicas de cada edifício. Com este método de análise da construção e das suas sucessivas fases, produziu-se uma cronologia da transformação respetiva à especulação em torno da sua forma e dos seus contextos histórico-artisticos. Perante a leitura diacrónica das distintas tipologias habitacionais introduzidas no caso de estudo sugere-se quatro fases construtivas. A primeira fase realça características de um típico Solar nobre construído no final do século XVII início do século XVIII. O segundo momento, no século XIX, considera que a ampliação feita ao conjunto inicial apresenta características de uma arquitetura de “Brasileiro” marcada pela ampliação da dimensão dos vãos e, conseqüentemente, a diminuição do pano de parede. Na seguinte análise, a terceira fase enfatiza a construção das torres, que ganham forma no final do século XIX assumindo, porém, um dimensionamento e formulário ornamental próprio do gosto de final de oitocentos, isentas de qualquer função militar. Por último, a quarta e última fase, adopta a planta em “U”. O facto de a última campanha de obras ter recuperado o espírito seiscentista da primeira fase da construção deno-

ta a relevância e persistência temporal de modelos de configuração dos espaços habitacionais. Constitui uma intervenção que visa impôr um desenho regular para as construções, afigurando-se como essencial para a definição da imagem casa bem como do seu carácter unitário.

De acordo com as convenções internacionais, são considerados património cultural imóvel, os monumentos, os conjuntos e os locais de interesse público.⁴⁴ A classificação de um lugar, monumento ou sítio rege-se por conceitos de importância nacional, pública ou municipal. Deste modo, a Casa de Diniz insere-se na categoria de Conjunto de Interesse Público (CIP). Entende-se, por isso “um grupo de construções isolados ou reunidos que, em virtude da sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem, têm valor universal excecional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência.”⁴⁵ Embora a sua importância cultural nacional seja reconhecida, permanece com uma identidade de proteção e valorização de nível público. Como os capítulos anteriores mostram, a Casa de Diniz ocupou uma posição crucial na vila e, sendo um bom exemplar da residência nobre serviu de apoio a funções político-administrativas, comerciais e religiosas acumuladas ao longo de quatro séculos. Embora atualmente não se reconheça esses domínios, a casa resulta num palimpsesto simbólico do poder de outrora. A Casa de Diniz representa uma construção com vários estratos de expressões artísticas distintas que lhe conferem uma identidade cultural e arquitetônica ímpar e particular. É, ainda, claramente um objeto “vivo” que traduz o contexto político e cultural à sua fundação. A perseverança da sua existência genuína, original e secular fixam o seu inerente valor patrimonial.

Em suma, a obtenção dos elementos apresentados e compilados pela primeira vez nesta dissertação foram consequência de um processo moroso.

Conseguida a identificação de datas e períodos acerca da Casa de Diniz, outrora desconhecidos, entende-se que o método de investigação utilizado neste trabalho é uma possível resposta para estudos relativos a edifícios que, como a Casa

44. Convenção para proteção do Património Mundial, Cultural e Natural, UNESCO, Paris, 1972.

45. Princípio estabelecido na Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural, 1972.

de Diniz, carecem de registos gráficos e históricos. A resolução do conjunto, na última fase construtiva, segundo lógicas espaciais e formais, reverbera a perenidade de modelos habitacionais fortemente arraigados na cultura espacial do contexto em que a casa se integra.

Ainda assim, é pertinente pensar na possibilidade de aprofundamento deste estudo que ultrapasse numa tese de mestrado integrado. Do mesmo modo, seria interessante a articulação com outras áreas disciplinares de forma a suprimir eventuais dificuldades e dúvidas encontradas neste estudo.

Bibliografia

. AZEVEDO, Carlos - *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. 2ª Edição. Mem Martins: Livros Horizonte, 1988

. BARROCA, Mário - “*Medidas-Padrão Medievais Portuguesas*”, Revista da Faculdade de Letras - História, 2ª Série, vol. IX, Porto, FLUP, 1992, pp. 53-85.

. BINNEY, Marcus; SAPIEHA Nicolas - *Casas Nobres de Portugal*. Difel, 1991. ISBN 9789722901604

. BRAGA, Jorge Salazar - *A Casa do “Brasileiro” e a paisagem rural do século XIX*. Separata das Comemorações do Dia da Comunidade Luso-Brasileira. Ministério dos Negócios Estrangeiros. Secretaria de Estado das Comunidades. Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima, 1986.

. BRAGA, Mário - *As ideias e a vida*. Coimbra: Atlântida, 1958

. BRANCO, Camilo Castelo - *Eusébio Macário*. 7ª Edição. Porto: Liv. Chardon

. BRANCO, Camilo Castelo - *O Senhor de Paço de Ninães*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 1966

. CARITA, Hélder - *Casa Senhorial em Portugal*. 1ª Edição. Lisboa: Leya, 2015. ISBN 978-989-660-393-9.

. CHOAY, Françoise - *A alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, 1999. ISBN 972-44-1037-4

. CORREIA, Francisco – *O Mosteiro de Santo Tirso de 978 a 1588: uma silhueta de um entidade projectada não chão de uma história milenária*. Santiago de Compostela: Serviço de Publicaciones e Intercambio Científico, 2008. ISBN 978-84-9887-038-1

. COSTA, Adalberto - *A comarca de Santo Tirso – Subsídios para a História de um Direito Local*. Porto: Vida Económica, 2016. ISBN 978-989-238-4

. DIAS, Luís - *Pelas casas dos “Brasileiros”, um roteiro com história*. Guimarães: Universidade do Minho, 2015. Dissertação de Mestrado em Património e Turismo Cultural

. DINIS, Júlio - *A Morgadinha dos Canaviais*. Porto: Liv. Civilização, 1964

. DINIS, Manuel Vieira - Revelações da Casa de Deniz. In O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural. Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso, Vol.6, p.247-258

. GOMES, Paulo - *Santo tirso – convida...* Paços de Ferreira: Anégia Editores, 1997. ISBN 972-8266-111-1

. GONÇALVES, Duarte - *Estudo às Casas Nobres Portuguesas para o entendimento da Casa de Alvelo*. Porto: Universidade Lusófona do Porto, 2013. Dissertação de Mestrado em Arquitetura

. LÔBO, Margarida – *Planos de urbanização: a Época de Duarte Pacheco*. 2ª Edição, 1995. ISBN 978-972-9483-14-0

. MARQUES, Teresa - *Portugal na Transição do Século – Retratos e Dinâmicas Territoriais*. 1ª Edição. Porto: Edições Afrontamento, 2004. ISBN: 9789723607093

. MATTOSO, José - *História da Vida Privada em Portugal*. Lisboa: Temas e Debates, 2011. Vol.1. ISBN 978-989-644-144-9.

. MERLIN, Pierre; CHOAY Françoise – *Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement*. 4ª Edição. Paris, 2009. ISBN 978-2-13-063068-5

. MONTEIRO, E. - *Tradição e Mudança*. 1ª Edição. Marco de Canaveses: Câmara Municipal do Marco de Canaveses, 1990.

. PDM- *Plano Director Municipal de Santo Tirso* - 1ª Revisão, Santo Tirso, 2008

. PEREIRA, José Fernandes – *Arquitetura Barroca em Portugal*. 2ª Edição. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992. ISBN 972-566-171-0.

. PEREIRA, Paulo - *História da Arte Portuguesa: Do “Modo Gótico” ao Manuelino (séculos XV-XVI), Do Renascimento ao Maneirismo (séculos XVI-XVII)*. Volume 5. Lisboa: Círculo de Leitores, 2007. ISBN 978-972-42-3957-6

. PIMENTEL, Alberto - *Santo Thyrsos de Riba d’Ave*. Santo Tirso: Club Thyrsense, 1970.

. PINTO, José - *Estruturas Sociais e Práticas Simbólico-Ideológicas nos Campos*. 4ª Edição. Porto: Edições Afrontamento, 2000. ISBN: 9789723605020

. PINTO, José - *Estruturas Sociais e Práticas Simbólico-Ideológicas nos Campos*. 4ª Edição. Porto: Edições Afrontamento, 2000. ISBN: 9789723605020

. PORTAS, Nuno - «Modelo territorial e intervenção no Médio Ave». *Sociedade e Território*. 1986. Nº.5, p. 8-13.

. REZENDE, Miguel – *Ante-Plano de Urbanização de Santo Tirso*. Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso, 1949.

. ROCHA, Maria Beatriz; CAEIRO, Domingos. *Portugal – Migrações e Migrantes (1850-1930)*. Lisboa: Edições Inapa, 2000.

. SÁ, Manuel - *O médio Ave: novas políticas municipais*. Porto: ESBAP, 1986. *Dissertação*

. VEIGA, António - *Santo Tirso - Imagem e Identidade*. 1ª Edição. Penamãor: Héstia editores, 2011. ISBN 978-972-8741-31-0

Documentos eletrónicos

www.patrimoniocultural.pt

www.monumentos.gov.pt

www.culturanorte.pt

www.mjfs.wordpress.com

www.cm-stirso.pt

www.solaresdeportugal.pt